

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GRASSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DAVID ARENAS CARMONA

**A DIALÉTICA NAS RELAÇÕES HOMEM-ESPAÇO, A CULTURA TERENA E SUA
INSERÇÃO NO TERRITÓRIO SULMATOGROSSENSE**

AQUIDAUANA, MS
2020

DAVID ARENAS CARMONA

**A DIALÉTICA NAS RELAÇÕES HOMEM-ESPAÇO, A CULTURA TERENA E SUA
INSERÇÃO NO TERRITÓRIO SULMATOGROSSENSE**

Dissertação apresentada, como exigência do curso de Mestrado em Geografia, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia, do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Eva Teixeira dos Santos.

AQUIDAUANA, MS
2020

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à Deus que me deu a vida e tudo o que ela inclui, aos meus pais Olga e Benito que me deram o ser, a minha esposa amada Janete Rosa da Fonseca, fonte constante de inspiração e de incentivo a sonhar, crescer e amar, as minhas amadas filhas Moyra e Neva, meninas doces e carinhosas, minhas extensões nesta vida e que primeiro me transformaram num Pai ditoso e agora em um Avô embevecido.

A minha enteada Priscila, enteada nobre e generosa, ao meu enteado Júnior e sua linda família, ao meu país Chile, que mesmo nas palavras de *Serrat* sendo só um papel, carrego orgulhoso onde eu vou, ao Brasil pátria amada, que possibilitou meu crescimento pessoal e profissional e onde continuo na maioridade o sonho de viver.

A minha orientadora, Professora Eva Santos, que acreditou no meu projeto e teve a paciência de guiar minha caminhada pelo Mestrado, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, espaço onde cresci pessoal e profissionalmente.

Aos meus irmãos, Ema, Javier, Fernando e Marcela, que carregam minha mesma origem. A minha primeira turma, como docente no Curso de Pedagogia desta instituição, do ano de 2016 que me presenteou com uma felicíssima e inesperada homenagem e a todos aqueles que compartilharam em alguma passagem do caminho junto a minha pessoa em fim, para todos, todos, minha gratidão e essa dedicatória!!

RESUMO

A pesquisa aqui proposta trata da construção de um importante diálogo entre Geografia, Antropologia, Linguística e cultura terena, pois estima-se necessário e reivindicatório sair do eurocentrismo presente no ensino e aprendizagem da Geografia em nível geral e, da mesma forma, materializar, dar visibilidade, aos conhecimentos válidos que permearam os estudos tradicionais destas questões até nossos dias. Analisar, para esta etnia, a relação existente entre os aspectos constitutivos de sua própria cultura: língua, tradições, folclore, mitos, cosmogonia, vestimenta, entre outros, com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida; examinar as especificidades da gênese e constituição da Cultura Terena inserida em um caldo cultural e processo histórico-social, observando-a como evidência histórico-geográfica objetivamente determinada; Promover o diálogo na Geografia acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS e analisar qual a relação existente, para a cultura Terena, entre os aspectos constitutivos de sua identidade cultural com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida. Constituem-se nos objetivos desta pesquisa. Partindo inicialmente pela pesquisa bibliográfica e documental e com o procedimento metodológico do estudo de campo, através das respostas dos participantes da pesquisa foram construídas categorias de análise que permitiram a realização de uma análise comparada sobre a relação que eles estabelecem entre sua identidade cultural e o espaço geográfico que habitam. Nas respostas dos questionários, ao se utilizar da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), pode-se observar que existe uma percepção bastante difusa do termo espaço geográfico, pois este na sua maioria está relacionado aos elementos próprios da urbanização, desta forma, para a quase totalidade dos participantes da pesquisa espaço não é mais do que o espaço comunitário que eles habitam. Respeito aos elementos culturais, estes são mais vistos como fator hereditário genético do que como produto de uma relação simbiótica homem-espaço.

Palavras-chave: Cultura. Espaço. Geografia. Paisagem. Terena.

RESUMEN

La pesquisa aquí propuesta trata de la construcción de un importante diálogo entre Geografía, Antropología, Lingüística y cultura terena, pues se estima necesario y reivindicatorio salir del eurocentrismo presente en la enseñanza y aprendizaje de la Geografía en nivel general y, de la misma forma, materializar, dar visibilidad a los conocimientos válidos que permearon los estudios tradicionales de estos asuntos hasta nuestros días. Analizar, para esta etnia, la relación existente entre los aspectos constitutivos de su propia cultura: lengua, tradiciones, folclore, mitos, cosmogonía, vestimenta, entre otros, con el espacio geográfico en que ella se encuentra inserta, examinar las especificidades de la génesis y constitución de la Cultura Terena inserta en un caldo cultural y proceso histórico y social, observándola como evidencia histórico-geográfica objetivamente determinada; Promover el diálogo na Geografía, acerca del proceso de inserción cultural de la Etnia Terena en la ciudad de Aquidauana/MS y analizar cuál es la relación existente para la cultura Terena entre los aspectos constitutivos de su identidad cultural con el aspecto geográfico en que ella se encuentra insertada, se constituyen en los objetivos de esta pesquisa. Partiendo inicialmente por la pesquisa bibliográfica y documental y con el procedimiento metodológico de estudio de campo, a través de las respuestas de los participantes de la pesquisa fueron construidas categorías de análisis que permitieron la realización de un análisis comparado sobre la relación que ellos establecen entre su identidad cultural y el espacio geográfico que habitan. En las respuestas de los cuestionarios, al utilizarse técnica de discurso del sujeto colectivo (DSC), puede observarse que existe una percepción bastante difusa del término espacio geográfico, pues este en su mayoría está relacionado a los elementos propios de la urbanización, de esta forma, para la casi totalidad de los participantes de la pesquisa espacio no es más que el espacio comunitario que ellos habitan. Respecto a los elementos culturales, estos son más vistos como factor hereditario genético de que como producto de una relación simbiótica hombre-espacio.

Palabras-Clave: Cultura. Espacio. Geografía. Paisaje. Terena.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01:** Mapa do Mato Grosso do Sul com Localização das Aldeias Terena.....22
- Figura 02:** Localização das Aldeias de Residência dos Participantes da Pesquisa.....29
- Figura 03:** Dança do Bate-pau- Cultura Terena37

LISTA DE SIGLAS

CE	Categoria Específica
CEJAR	Escola Estadual Coronel José Alves Ribeiro
CEUA	Centro Universitário de Aquidauana
CPA	Centro Pedagógico de Aquidauana
CPAQ	Campus de Aquidauana
CP	Categoria Principal
RCLE	Registro de Consentimento Livre e esclarecido
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Estadual de Mato Grosso
SECID/MS	Subsecretaria Especial de Cidadania de Mato Grosso do Sul

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Caracterização do Espaço.....	29
QUADRO 02: Espaço/Identidade.....	30
QUADRO 03: Espaço Geográfico/Cultura Terena.....	32
QUADRO 04: Linguagem/Identidade.....	33
QUADRO 05: Eurocentrismo/Aprendizado/Geografia.....	34
QUADRO 06: Identidade Cultural/Identidade Regional.....	36
QUADRO 07: Categorias de Análise.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA.....	14
1.2 OBJETIVOS.....	15
1.2.1 Objetivo geral	15
1.2.2 Objetivos específicos	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A ONTOLOGIA DO SER: A DÚVIDA PRIMÁRIA.....	16
2.1.1 Ser ou não ser? Eis a questão	18
2.1.2 A relação do Homem com a Natureza	19
2.1.2.1 <i>Epistemologia do ser estando ali: O espaço habitado território e territorialização..</i>	20
2.1.2.2 <i>Cultura indígena Terena; aspectos históricos e a constante busca por espaço e visibilidade</i>	23
3. METODOLOGIA	30
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	34
3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	36
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
4.1 ESPECIFICIDADES DA GÊNESE E CONSTITUIÇÃO DA CULTURA TERENA INSERIDA EM UM CONTEXTO CULTURAL E PROCESSO HISTÓRICO-SOCIAL.....	38
4.2 PROCESSO DE INSERÇÃO CULTURAL DA ETNIA TERENA NA CIDADE DE AQUIDAUANA/MS, SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA.....	39
4.3 RELAÇÃO EXISTENTE, PARA A CULTURA TERENA, ENTRE OS ASPECTOS CONSTITUTIVOS DE SUA IDENTIDADE CULTURAL COM O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM QUE ELA SE ENCONTRA INSERIDA.....	40
5. ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	54
5.1 A IDENTIDADE CULTURAL COMO REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO CONHECIDO.....	54
5.2 A LINGUAGEM, SUA RELAÇÃO COM O MUNDO E A CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DE UMA CULTURA.....	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
7. REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	64
ANEXOS	68

1. INTRODUÇÃO

A influência da cultura ocidental trouxe ao Brasil, como consequência da ocupação colonizadora realizada por um país europeu, uma percepção histórica utilitarista para a formação sócio espacial do país, isto no que diz relação à percepção e ao uso do espaço geográfico como espaço habitável e gerador de recursos com reflexos lógicos na contemporaneidade, mesmo assim, existem nas etnias originárias, concepções de mundo e construtos históricos costumeiramente subestimados. No estado de Mato Grosso do Sul, mesmo não existindo uma relação completamente harmônica, uma vez que existem conflitos entre fazendeiros, produtores e os indígenas, pela altíssima população oriunda das diferentes etnias¹ que se assentaram no Estado, torna-se impossível negar a visibilidade que eles adquirem no concerto regional.

Desta forma no município de Aquidauana, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, exerce um papel social de extrema importância na formação no Ensino Superior. Onde é possível constatar uma alta participação de alunos oriundos das aldeias indígenas presentes, no caso particular, no CPAQ, Campus do município de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A identidade cultural sem dúvida está relacionada com a fusão do espaço com o ser humano, existe uma interferência de mão dupla entre ambos e, sob este predicado, muitos dos aspectos que identificam a paisagem sul-mato-grossense, encontram-se alinhadas com alguns dos traços que possuem seus habitantes.

A identidade cultural, em sua essência epistemológica nas ciências sociais e humanas, pode ser vista como uma construção subjetiva, e em constante progressão e mudança do “eu” individual ou coletivo do sujeito, a ser substanciada não mais somente pelo olhar do outro, mas sim instrumentalizada pelas formas simbólicas, que ligam o ser social e sua condição existencial, a seus grupos sociais e suas práticas culturais, em textos e contextos geográficos de lugar, paisagem e território. (ARAÚJO, 2015, p.11)

Segundo os ensinamentos de Candau e Russo (2011), nas décadas de 1980 e 1990, onze países latino-americanos reconheceram em suas Constituições o caráter multiétnico,

¹ A palavra etnia se deriva do substantivo ethnos, que significa gente ou nação estrangeira. É um conceito polivalente, que constrói a identidade de um indivíduo resumida em: parentesco, religião, língua, território compartilhado e nacionalidade, além da aparência física. No Brasil, os povos indígenas constituem uma identidade racial. Entretanto, em razão das diferentes características socioculturais, os grupos são definidos por etnia.

pluricultural e multilíngue de suas sociedades. Esta questão impulsionada por pressões de múltiplos atores para que as políticas públicas na área educativa tivessem que contemplar as diferenças culturais existentes, o Estado teve que ceder.

Sendo o estado de Mato Grosso do Sul uma unidade Federativa relativamente nova² em termos de reconhecimento e história. Possui por sua vez uma riquíssima identidade cultural fortemente associada à paisagem pantaneira, a qual foi nomeada e representada em uma proporção enorme pela língua das etnias indígenas, maioritariamente a Terena, no que diz relação a sua flora e fauna nativa, assim como muitas das localidades, relevos, etc.

Conforme Leite (2009), a paisagem de um lugar pode significar a expressão dos desejos coletivos na organização dos lugares daquele território ou como um registro, de eventuais protestos sobre as transformações impostas a estes lugares, o que felizmente no caso do Estado de Mato Grosso do Sul não aconteceu, pois no processo de miscigenação decorrente dos fluxos migratórios que constituíram a região, foram respeitadas e reconhecidas as influências culturais originais.

Uma das primeiras dúvidas que assaltam a qualquer indivíduo quando chegado em um território diferente daquele que foi criado, é o porquê da diferença da paisagem, do clima, da aparência das pessoas, sem mencionar, também questões mais subjetivas - e de ordem cultural – como a linguagem, os costumes e as tradições. Aos poucos, e fruto da observação simples, percebe-se que de alguma maneira existe uma correlação muito evidente de todos estes aspectos pessoais e coletivos de ordem cultural com o espaço geográfico que os indivíduos habitam.

Nas palavras de Santos (2008, p.41),

A questão do espaço habitado, pode ser abordada segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas.

Isto é, abordada a Geografia desde o ponto de vista da Geografia Humana, que nas palavras de Sorre (2003, p.137),

O primeiro problema da Geografia Humana consiste em elucidar as relações entre o homem e o meio, a partir do ângulo espacial. Trata-se de uma relação recíproca, posto que por meio da técnica os homens modificam o ambiente natural, ao tempo que se adaptam a ele.

² A data de separação do estado de Mato Grosso, o qual pertencia anteriormente, se deu em outubro de 1977.

Embora para Milton Santos, o espaço geográfico seja o objeto de estudo da geografia, cabe aqui destacarmos o conceito de território enfatizado por este autor.

O território são formas, mas o território usado, são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos suma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. (SANTOS,2005, p.255)

A narrativa ocidentalizada, da qual somos herdeiros, e com evidente influência do reducionismo nela exercido pelos pensadores anglo-saxões nas ciências naturais e, de forma decorrente pela influência destes mesmos, no positivismo rompante, presente desde o advento de Comte e Durkheim (1999) na Sociologia e nas Ciências Sociais, isolou o ser humano do geográfico, atribuindo-lhe só sua capacidade de interferir nele e a dele se valer para sua sobrevivência.

Não obstante isto, existem outras visões da relação do homem com a natureza ou espaço geográfico que habita. Nas culturas pré-colombianas existe o termo Pacha Mama, segundo Avelar (2019) a expressão de origem Quéchuá, que significa Mãe Terra, que é a forma com que os ancestrais desta etnia se referiam ao mundo que eles habitavam, e que intrinsecamente trazia para eles a responsabilidade de cuidar e honrar esse espaço, como com a progenitora deve se fazer. No Brasil, e fruto de uma de suas principais culturas ancestrais, a Tupi Guarani, existe a seguinte explicação da criação do universo:

No começo de tudo, quando não havia tempo ainda, havia Yamandu. Yamandu é “o silêncio que tudo ilumina”, é o ancestral de todos os ancestrais. Num determinado dia, dentro da própria luminosidade, Yamandu, que é mais que qualquer sol, Yamandu quis conhecer a dimensão de si mesmo. Foi quando ele se encolheu, dentro do Grande Início, se recolheu dentro de si mesmo e viu que era vasto. Yamandu quis conhecer toda a dimensão de si, então se transformou numa coruja. Não essa coruja que nós vemos agora, mas a coruja primordial. E como coruja Yamandu se viu dentro da Grande Noite e viu que era vasto. Yamandu queria conhecer a sua altura, o seu comprimento, então se transformou num colibri: Mainu, na língua guarani. E como Mainu, o colibri, Yamandu conseguiu voar velozmente em todas as dimensões de si: voou acima, abaixo e ao centro. E viu que era vasto. Então Yamandu, o silêncio sagrado, luminoso, quis conhecer a totalidade de si, foi quando se recolheu dentro de si mesmo e se transformou num gavião real, Macauã. E com Macauã ele voou na mais longe das alturas e viu a totalidade de si. Então ele pensou: “Precisamos criar mundos” (MITO TUPI, S/D)

Se há, no trecho acima, o intuito de explicar esta simbiose, em seu sentido figurado, e produto da particular relação existente entre o homem e o espaço geográfico que habita e; conseqüentemente, as influências recíprocas presentes nesta relação. Para reafirmar da mesma forma que o meio é o resultado da ação do homem sobre ele, também este, o homem, é o

resultado da ação ou influencia que dito meio exerce sobre ele, deram origem a esta pesquisa, pois nas palavras de Milton Santos,

É no espaço geográfico que caminha a vida, [...] nesse espaço existem rios e montanhas, ruas, edifícios e plantações; há também técnicas e práticas de trabalho, laços familiares, manifestações religiosas, relações de igualdade ou de desigualdade entre pessoas, grupos e nações. Nos múltiplos espaços da superfície terrestre estão representados, em íntima associação, elementos naturais e sociais, que se constroem e reconstroem o tempo todo (SANTOS, 2013, p. 03).

Embora exista uma dificuldade em estabelecer uma dissociação entre o homem e a natureza, produzido pela forma em que a sociedade humana foi estabelecendo a ocupação dos espaços, assim como pelas diferentes formas em que os povos primeiramente, e logo os estados, com todas as relações de poder subjacente como pode-se inferir da fala de (Reclus 1985, p. 70 apud Castro e Alves, 2013, p. 72).

Entretanto, do ponto de vista especialmente geográfico, é importante saber como as formas políticas das sociedades correspondem normalmente às diversas formas terrestres na evolução da humanidade; pode-se estabelecer a este respeito regras gerais, que prevaleceram enquanto a constituição de grandes Estados centralizadores – que dispunham de formidáveis meios de coerção – não suprimisse os contrastes originários. (RECLUS, 1985, p. 70).

A partir de uma perspectiva de gênese do mundo mais holística, pretende-se mostrar quanto é de gravitante a interferência do meio nos aspectos culturais tanto de ordem individual como no coletivo, a saber: linguagem, vestimenta, humor, caráter, entre outros. Embora a sentença anterior possa ser encaixada no Determinismo Geográfico, na verdade sua origem tem mais a ver com a fenomenologia do Espírito de Hegel. Assim, se partirmos de uma concepção da linguagem como elemento de cunho cultural comunga-se com as ideias de Raymond Williams (1979, p. 27) quando este afirma que:

Uma definição de língua, ou de linguagem, é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição dos seres humanos no mundo. As categorias tradicionais principais – “mundo”, “realidade”, “natureza”, “humano” – podem ser contrapostas ou relacionadas com a categoria de “língua”, mas é hoje um lugar comum observar que todas as categorias, inclusive a categoria de “língua”, são em si mesmas construções idiomáticas, e com isso só com esforço podem ser separadas da língua, e dentro de um determinado sistema de pensamento, para a indagação sobre as relações.

Desse modo, concorda-se, também, com Bakhtin (apud Lima, 2016) quando o mesmo propõe uma filosofia da linguagem, na qual o homem é considerado em sua essência, um ser ativo e operante no meio em que se situa. A linguagem neste espaço seria então a mais

próxima e legítima possibilidade de interação entre ele e o mundo, conforme as condições sócias históricas que o influenciam e sobre a qual, ele também exerce influência.

Observa-se, então, os primeiros indícios dessa correlação, pois é evidente que a primeira premissa da língua, é a de representar o universo circundante. Em termos simples, cada cultura ou grupo teve que criar desde sua própria identidade e construção linguística, o nome com que teve que representar tudo quanto lhe rodeava; flora, fauna, relevos, rios, fenômenos climáticos do lugar, ou seja, o primeiro a ser representado foi seu habitat natural ou espaço geográfico. Da mesma forma, é desse espaço que toma as cores, formas, ícones e seres que vão a povoar sua narrativa cultural que, conseqüentemente, vão dar contornos a sua identidade, tanto individual como coletiva, tais como: folclore, vestimentas e explicações acerca da origem do mundo e dele mesmo.

1.1 JUSTIFICATIVA

A presença de habitantes da cultura Terena nos biomas Pantanal e cerrado, predominante no estado do Mato Grosso do Sul e na cidade de Aquidauana em particular, oferecem muitas possibilidades de exploração do espaço para os objetos de estudo da Geografia, entendendo-se o espaço segundo as palavras de Santos (2006 p.13)

[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rigorosidades e as formas-conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar o das redes e das escalas.

Os espaços são de alguma forma determinados pela visão que o homem tem deles, não tão só pela sua interferência, tome-se como exemplo o nome da cidade que se tomará como objeto de estudo, que deve seu nome ao rio cujas águas banham a cidade, este nome, Aquidauana, vem da língua Guaicuru e significa Rio Estreito. Se considerarmos que a população total segundo o último censo do IBGE do ano de 2010 alcança o total de 45.614 habitantes, e possui uma estimativa para o ano de 2017 de 47.482 habitantes, temos que mais de um quarto da população do Município é representativa da Etnia Terena, com sua população albergada em dez Aldeias, todas elas com uma população representativa desta Etnia, são estas as Aldeias de Colônia Nova, Água Branca, Ipegue, Bananal, Lagoinha, Morrinho, Imbirussu, Limão Verde, Córrego Seco e Burutizinho.

Embora constituindo uma população evidentemente indígena, existe uma absorção cultural muito forte por parte do Estado Brasileiro, desde a origem deste, pois ao estabelecer um histórico deles no Território Mato-grossense e, posteriormente a partir dos anos de 1970 quando se produz a divisão estadual Sul-mato-grossense, como pode-se desprender das palavras de Castro, (2011, p.129)

No contexto da construção do Estado nacional, a população Terena foi representada como “civilizada”, assimilada e descaracterizada enquanto população indígena “autêntica” não se apresentava, desta forma, como um entrave àquele projeto. Trata-se, portanto, mais da definição do lugar que devem ocupar na sociedade envolvente, da sua incorporação e do seu disciplinamento enquanto trabalhadores. Além disso, ou em razão dessa concepção, os Terena são por muito tempo descartados como objeto legítimo de investigação histórica, uma vez que têm sua historicidade devorada pela historicidade da nação, recurso indispensável à existência nacional que se expressa na negação da autonomia dos povos indígenas, na anulação das diferenças e na dissolução dos particularismos culturais. Nestes termos, os Terena são, por um longo tempo, histórico graficamente ignorados enquanto sociedade diferenciada no conjunto da nação.

Como bem se sabe, toda Cultura alberga sua própria visão do mundo, que da mesma forma, e porque as perguntas que povoaram o imaginário coletivo desde sempre, em todas as línguas e independente do lugar, foram, quase sempre, as mesmas.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar, para esta etnia, a relação existente entre os aspectos constitutivos de sua própria cultura: língua, tradições, folclore, mitos, cosmogonia, vestimenta, entre outros, com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida.

1.2.2 Objetivos Específicos

Como é uma pesquisa que está embasada no conceito e na percepção de cultura, trouxemos para reflexão a relação existente entre cultura e linguagem na percepção de Raymond Willians para o qual,

Percebe-se que, embora elemento presente no âmbito cultural, a língua e a linguagem emergem como constitutivas do desenvolvimento humano, deve ser considerada como uma tentativa tanto de preservar uma ideia do que é geralmente humano, frente aos processos analíticos e empíricos de uma ciência natural que se desenvolvia poderosamente, como de afirmar uma ideia de criatividade humana,

frente ao crescente entendimento das propriedades do mundo físico, e, conseqüentemente, explicações causais (WILLIAMS, 1979, p. 30).

Assim, alguns objetivos específicos foram traçados de forma a alcançar o objetivo geral apresentado anteriormente:

a) Examinar as especificidades da gênese e constituição da Cultura Terena inserida em um contexto cultural e processo histórico-social, observando-a como evidência histórico-geográfica objetivamente determinada;

b) Promover o diálogo na Geografia acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS;

c) Analisar qual a relação existente, para a cultura Terena, entre os aspectos constitutivos de sua identidade cultural com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ONTOLOGIA DO SER: A DÚVIDA PRIMÁRIA

Embora quando se fala de processos e períodos históricos não seja possível isolar estes dos que lhes antecederam, por quanto eles são justamente o resultado deles. É possível sim estabelecer alguns elementos particulares a cada época pois, ao fim das contas, são estas peculiaridades as que determinarão as narrativas sociais inerentes a cada uma destas, assim como os paradigmas que lhe serão próprios, isto num sentido macro pois no que diz relação com os processos particulares que nele acontecem, são as ciências humanas as que devem tentar entendê-los e explicá-los.

Como dito, os valores advindos do Iluminismo e plasmados nos ideais da Revolução Francesa de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, foram os responsáveis pela instalação dos novos paradigmas que a sociedade humana adotou, sem contar também com a estrutura definitiva que o Estado a partir de lá assume universalmente. Eixo central das reformas sociais sugeridas pelos racionalistas iluministas, contudo, o paradigma principal da nova era, esta que agora vivemos, tenha sido a do isolamento do indivíduo com a clara influência dos pensadores da Alemanha pós moderna: Hegel e Heidegger (2009), principalmente pois todas as mudanças respeito da percepção da inerência da palavra cultura ao ser humano, tanto no coletivo como no individual sem exceção, são resultado da obra destes pensadores.

Estas novas concepções acerca da relevância do sentido da cultura como um elemento da identidade e não mais como a simples constatação do nível de erudição de um determinado segmento da população, primeiro elemento do etnocentrismo, instalaram novos elementos no debate social, político e filosófico pois, a partir daí, afiançou-se a necessidade de respeitar e valorizar a percepção do “outro”, tanto no sentido individual como no coletivo.

Neste sentido, podemos compreender a segunda distinção que Heidegger estabelece em relação a Hegel em Identidade e diferença. “Para nós a medida para o diálogo com a tradição historial é a mesma, enquanto se trata de penetrar na força do pensamento antigo. Mas nós não procuramos a força no que foi pensado, mas em algo impensado, do qual o que foi pensado recebe seu espaço essencial” (HEIDEGGER, 1991p.,77). Segundo a perspectiva de Heidegger, e como exposto nos seus pressupostos de leitura da história da filosofia, o pensamento tem por alvo o impensado. (PIRES, 2009, p. 182)

É sabido que a base da experiência humana para seu processo de evolução passa pela necessidade de entender o mundo e os fenômenos que nele acontecem, num primeiro momento tanto os fenômenos naturais quanto, de um modo geral, os sociais. Porém é na era que atualmente vivemos que as questões inerentes a natureza pessoa do indivíduo começam a aparecer de forma mais visível, da mesma forma cobram visibilidade as dimensões pela qual essa individualidade transita: o tempo e o espaço. Como salienta Hegel nas suas palavras acerca da certeza sensível, (2000, p.352).

Com efeito, a verdade dessa relação imediata é a verdade deste Eu que se limita a um agora ou a um aqui. Se apreendêssemos essa verdade posteriormente ou nos mantivéssemos a distância dela, ela não teria mais nenhuma significação, pois teríamos suprimido a imediateidade que lhe é essencial. Devemos, por conseguinte, penetrar no mesmo ponto do tempo ou do espaço, devemos mostra-los a nós mesmos, ou seja, fazer de nós uma coisa só com esse mesmo eu que sabe com certeza.

Esta nova narrativa trouxe no pensamento ocidental um ponto de inflexão no concernente as perguntas que dizem relação com o sentido da existência. Esta inflexão pode se explicar a partir de uma nova forma de interpretar e entender a realidade, assim também como pelo advento de uma nova forma de encarar a mente humana através da Psicologia.

Com Jung e Freud (2016) dentre alguns de seus máximos representantes, e com a interferência desta nova ciência na filosofia, principalmente na obra de Nietzsche (1999) e, posteriormente com alguma influência deste, na obra do pensador que mudou a concepção do lugar do homem no mundo até então, na primeira metade do século XX, Martin Heidegger (2018) que o fez principalmente com sua obra, O Ser e o Tempo.

Cabe-lhes a estes autores germânicos o fato inegável de ter mudado o foco nas questões e indagações feitas pelas ciências sociais, principalmente, pois ao centrar suas

pesquisas no ser humano como indivíduo, isolaram este do social, transformando-o na sua, especificidade, e mudando os paradigmas até antes deles existentes, mudança que alcançaria seu ponto mais alto no existencialismo francês da segunda metade do mesmo século.

2.1.1 Ser ou não ser? Eis a questão

Esta dúvida de aparência inócua de natureza dramática, de certa forma é a base da obra de Heidegger (2018) e tem, por sua vez, sua origem nas peculiaridades da linguística anglo-saxã, língua e cultura predominante no curso de uma história produzida a partir da experiência europeia, seguido pela ciência a partir do empirismo cartesiano. Nesta língua o vocábulo que denomina ao ser é o mesmo que relaciona este à ação, o verbo to be, que traduzido ao português significa tanto ser como estar. Da mesma forma, na língua germânica ambos termos são associados à palavra zein, de mesmo duplo significado.

Esta dualidade de origem idiomática remete a outra das questões que permearam historicamente as indagações científicas, a supremacia do ser enquanto entidade das ciências do pensamento ou da supremacia do ser, como presença física e que prima nas ciências naturais. Para Heidegger (p.2001, 137) a resposta se encontra no Dasein, que em suas palavras está constituída pelo ser enquanto indivíduo e com natureza existencial, ou seja, o ser físico como prolongação do ser essencial. Não obstante, ao situar este ser espacialmente, omite um aspecto fundamental, pois nas suas palavras:

Ser é sempre o ser de um ente. O todo do ente, segundo seus diferentes setores, pode se converter em âmbito da descoberta e da delimitação de determinadas regiões essenciais. Estas, por sua parte, por exemplo a história, a natureza, o espaço, a vida, o Dasein, a linguagem, etc., podem ser tematizadas como objetos das correspondentes investigações científicas. A investigação científica realiza ingenuamente, e a grandes e a grosso modo, a demarcação e fixação primeira das regiões essenciais. A elaboração das estruturas fundamentais de cada região já tem sido, em certo modo, realizada pela experiência e interpretação pré-científicas do domínio do ser que defina a região essencial mesma. (2001, p. 19-20)

Esta consideração desdenha um alvo principal da questão a ser respondida, se na pergunta deve se incluir esta existência como estando ou situada em, fica por responder à pergunta seguinte, qual é esse espaço onde esse ser está inserido ou espaço que ele ocupa? Agora bem, se o Existencialismo advoga pela particularidade do ser, e suas especificidades, por que razão negligencia do espaço essas peculiaridades e/ou especificidades? Pois da mesma forma que cada indivíduo é único, assim também cada espaço é único, isto considerando que dentre outras, a finalidade desta pesquisa que aqui se apresenta é a de tentar

estabelecer a correlação existente entre indivíduo e espaço e a reciprocidade das interferências de um sobre o outro.

A questão do espaço habitado pode ser abordada segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, as condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como um indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência podemos assim acompanhar a maneira como a raça humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar). O fenômeno humano é dinâmico, e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado. (SANTOS, 2008, p. 41-42)

Em termos simples, a correlação pode ser explicada da seguinte forma, ao ser dinâmica a vida humana e sua decorrente socialização, prévias as transformações que o indivíduo ou uma comunidade destes produzem no meio ao qual se desloca é condição *sine qua non* a sua prévia adaptação a este novo espaço.

2.1.2 A relação do Homem com a Natureza

As concepções filosóficas que permeiam o entendimento que o ser humano tem do espaço que habita, originam-se no pensamento grego pois é este pensamento que deu seu caráter hegemônico à cultura ocidental, da mesma forma, esta reproduz algumas lacunas que a tradição grega não preencheu principalmente no que diz relação de qual é o lugar do homem diante da natureza, questão que não ficou estabelecida na passagem da mitologia para a racionalidade, pois nas palavras de Abrão na sua História da Filosofia, (2006,p.18)

Há, porém, uma diferença fundamental entre o pensamento mítico e o pensamento racional dos primeiros filósofos. A mitologia exprimia na forma divina e celestial todo o conjunto de relações, quer dos homens entre si, quer entre os homens e a natureza. Assim como os deuses são criadores do mundo, o rei é o criador da ordem social, o regulador do ciclo da natureza. O universo divino, as relações sociais e o ritmo da natureza confundem-se, submetidos todos ao comando do rei. Por isso, a mitologia apenas narra a sucessão de fenômenos divinos, naturais e humanos. Ela não os explica, pois, a explicação já está dada pelo poder real.

Desta forma, e com o advento da filosofia como ciência fundamental passa-se ao questionamento de que, o que é a *physis*? [...] *physis* pode ser traduzida por natureza. Mas seu significado é mais amplo. Refere-se também a realidade, não aquela pronta e acabada, mas a que se encontra em movimento e transformação, a que nasce e se desenvolve (ABRÃO, 1999 p.24). Haja vista que assim como a filosofia, ou as ciências decorrentes ocupam-se de

entender os fenômenos inerentes as duas dimensões pela qual o ser humano transita, tempo e espaço, pode-se observar que a geografia transita também nessas duas características fundamentais do mundo, o que não é casuística, é pelo contrário justificado pela interferência de um para com o outro. Nas palavras de Santos, (2008, p. 97)

O homem também vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Essas formas históricas não são as mesmas através dos tempos; aqueles acréscimos dos tempos primitivos são diferentes dos atuais. Hoje, as formas impostas à natureza são muito mais complexas, resultado também de uma série de heranças. A natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mas artificializada, mais humanizada.

Referenda-se desta forma que a evolução humana, caminha inexoravelmente pela transformação, do mundo físico no qual a nossa espécie está inserida, tendo como elementos geradores das mudanças estéticas, as mudanças éticas que alimentaram cada momento histórico.

2.1.2.1 *Epistemologia do ser estando ali: O espaço habitado, território e territorialização*

Todo espaço em geral, está povoado por inúmeras espécies, tanto vegetais como animais, que crescem ao amparo das peculiaridades destes tais como: clima, paisagem, relevo, abundancia ou carência de águas, entre outros. Em estrito rigor biológico, todos e cada um deles realizando uma função específica da mesma forma que em qualquer tipo de organismo vivo. Talvez o maior milagre da natureza seja, de certa forma, a capacidade que nos oferece de estabelecer um paralelo entre os fenômenos ocorridos em todo tipo de ecossistema onde exista vida, com o funcionamento de todo sistema presente num corpo vivo.

Esta relação de causa efeito presente entre espaço físico e vida presente nele pode ser explicada através da *Autopoiese*, do grego *auto* que significa próprio(a) e *poiesis* que significa produção, termo cunhado pelos biólogos chilenos Maturana e Varela (2010) para explicar a relação de reciprocidade existente entre um sistema ou organismo com o espaço macro em que este é contido transformando-o e transformando-se ambos tanto em produtor como produto um do outro, estabelecendo paralelos com a biologia, poder-se-ia falar em uma genética do espaço onde o elo seria sempre a estreita relação existente entre cada parte de um todo com esse todo, assim como a especificidade desse todo produto das especificidades dos indivíduos que o compõem e vice-versa.

Dita correlação de mão dupla é explicada por Santos (1978, p. 145) da seguinte forma, “o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia”. Seguindo com este raciocínio, e só para ilustrar a importância que para a vida humana tem a observação do espaço geográfico e seus fenômenos, tanto particulares como gerais, e complementando mais uma vez com Santos (1978, p. 145), até na organização do espaço criado pelo homem existe esta rede complexa e maravilhosa que criam as relações dentro dos sistemas, pois nas suas palavras:

Cada objeto é, em si mesmo, um sistema, funcionando sistemicamente. Um grande supermercado ou shopping center, seriam incapazes de existir se não fossem servidos por vias rápidas, estacionamentos adequados e acessíveis, sistemas de transportes públicos com horários regulares e conhecidos e se, no seu próprio interior, as atividades não estivessem subordinadas a uma coordenação. Esse é o caso dos grandes edifícios, dos armazéns, dos silos, etc. Os portos, a rede rodoviária de um país, e, sobretudo, a rede ferroviária são exemplos de objetos complexos e sistêmicos.

Embora historicamente a nossa cultura, de cunho ocidental, valorizou o espaço geográfico como essencial para a subsistência humana, pois é nele que o homem vive e produz, as mais das vezes a valorização feita dele está claramente delimitada pela qualidade do usufruto que ele proporciona, de tal forma que, a luz da materialidade que imbui a relação do homem com seu entorno geográfico, dificilmente terá como componente básico a afetividade, elemento sem o qual as noções de cuidado e respeito não aparecem. O reducionismo desta percepção criou uma dificuldade fundamental, pois mesmo o homem sendo parte de um intrincado e perfeito sistema de relações orgânicas criados por Deus e a natureza, historicamente se posicionou como um elemento alheio de dito sistema.

Da mesma forma, existe um problema muito grande na hora de compreender as coisas na sua totalidade, pelo que costumeiramente deve se recorrer ao hábito de delimitar, quanto mais melhor, todo aquilo que quer se analisar, o que no caso do espaço que nos alberga que tem um componente de dimensões inimagináveis, fica restrito ao mero entendimento de terra ou natureza como uma simples parcela de território, privando-nos da simbiose que devia existir entre o homem e a natureza. Para Souza (2013), a palavra território, até o cenário atual vem sendo compreendida como um sinônimo de espaço geográfico. O autor em questão, porém, enfatiza, que território é, “fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, ” (SOUZA, 2013, p.78). Embora Souza (2013), deixe claro em sua abordagem que não é apenas o território que pode ser definido e delimitado a partir das

relações de poder, mas também, esse poder só se exerce com referência a um território e por meio de um território.

Nesse sentido, a definição dele passa ineludivelmente pela ideia de conflito ou interesse dentre todas as camadas que povoam o espaço social dentro de cada estado-nação, transformando-se, em aquilo a ser assignado como mecanismo de validação das múltiplas representações culturais e sociais que convivem dentro dele. Da mesma forma, o seu estudo, significação ou ressignificação foge ao entendimento exclusivo da ciência geográfica e obriga esta ao diálogo com outras ciências pois, nas palavras de Llanos-Hernández (2010, p.213),

El territorio al interior de la geografía constituyó un concepto disciplinario, este mismo sentido se presenta cuando otras disciplinas lo incorporaron a su campo de estudio; sin embargo, en la actualidad el territorio es más que un concepto disciplinario, pues ha pasado a convertirse en un concepto¹ interdisciplinario y a formar parte de los referentes teóricos de las diversas disciplinas que tienen como objeto de estudio los múltiples tipos de relaciones que despliegan los seres humanos.

Milton Santos (2007), sustenta que o território não é apenas o conjunto os sistemas naturais e de sistemas coisas superpostas, o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. “O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. ” (SANTOS, 2007, p. 14)

Seguindo na abordagem do conceito de território, Santos (1998), assinala que, vivemos uma noção de território que é uma herança da modernidade incompleta. Nas palavras desse mesmo autor, é o uso do território, e não o território em si mesmo que faz dele “objeto de análise social. ” (SANTOS,1998, p. 15)

Ainda (Santos, 1998, p.15), destaca que “antes o território era a base, hoje vivemos uma dialética do mundo concreto, evoluímos da noção, tornada antiga, de Estado Territorial para a noção pós-moderna de transnacionalização do território. ” Mas, o mesmo autor, também nos alerta que, assim como antes tudo, não era território estatizado, também tudo não é estritamente transnacionalizado. O território habitado cria novas sinergias. Continuando com Santos (1998, p.16)

O território são formas, mas o território usado, são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são cada vez mais objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez, por que a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. É a partir dessa realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes, além da velha categoria região, e isso é um resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território [...]

Enquanto que Raffestin (1993), corrobora que espaço e território não são termos equivalentes. Na análise desse autor, é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143)

Seguindo na mesma linha de reflexões trazidas por Raffestin, encontramos uma importante consideração acerca dos processos imbricados que envolvem o conceito de território e suas relações.

Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle, portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. Todo projeto é sustentado por um conhecimento e uma prática, isto é, por ações e/ou comportamentos que, é claro, supõem a posse de códigos, de sistemas sêmicos. É por esses sistemas sêmicos que se realizam as objetivações do espaço, que são processos sociais. E preciso, pois, compreender, que o espaço representado é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meio de códigos e de sistemas sêmicos. (RAFFESTIN, 1993, p. 143)

Assim, a palavra espaço geográfico, ou simplesmente espaço, aparece, por vezes, associada a uma porção específica da superfície da Terra identificada seja pela natureza, seja por um modo particular como o Homem ali imprimiu as suas marcas, ou também como referência, simplesmente, à localização (SOUZA,2013). Ora, conforme afirma Roberto Lobato Corrêa (2006, p. 15), adicionalmente, a palavra, espaço, tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo em seu interior. Já, quando ouvimos falar em territorialização, estamos nos aproximando de um conceito que, Vieira e Knopp (2010), denominam de territorialização, pois esta, diz respeito ao dimensionamento espaço-temporal das práticas sociais e construções simbólicas ocorridas em uma dada área geográfica.

Estes autores, ainda nos apresentam os conceitos de desterritorialização e de reterritorialização, sendo que a desterritorialização é o deslocamento, a ruptura das relações sociais e das referências simbólicas a partir do território e reterritorialização diz respeito a criação de novos vínculos em substituição aqueles que foram perdidos. A organização e a redefinição dos territórios passaram a obedecer à lógica global, que estabeleceu e concretizou a ideia de multifuncionalidade dos espaços (VIEIRA E KNOPP,2010).

2.1.2.2 Cultura indígena Terena: aspectos históricos e a constante busca por espaço e visibilidade

As terras indígenas dos Terena espalham-se pela região que abrange os municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Sidrolândia, Dois Irmãos do Buriti, Dourados e Campo Grande, além de estarem nos estados de São Paulo e Mato Grosso. Segundo Moura e Accolini (2015) na década de 1960, Cardoso de Oliveira (1968) elaborou um quadro geral da consolidação de determinadas aldeias de regiões tradicionalmente ocupadas pelos Terena, que remontam ao período das migrações da região chaquenha, como as presentes nos municípios de Miranda (Cachoeirinha, Lalima e depois as novas, fundadas pelos indígenas, tais como Passarinho, Moreira e União), Aquidauana (Bananal, Ipegue, Limão Verde e Aldeinha) e Dois Irmãos do Buriti (Buriti). Existem outras nos municípios de Nioaque (Brejão), Sidrolândia (Buritizinho e Tereré), Rochedo (Água Limpa) e Dourados (Jaguapirú e Bororó).

A guerra do Paraguai (1864-1870) é um marco para a sociedade terena, pois foi a partir do conflito que se intensificaram os contatos com a população brasileira. O envolvimento se deu de forma direta quando os paraguaios invadiram o Brasil e alguns Terena foram recrutados para a luta, juntamente com os soldados brasileiros. A guerra do Paraguai desenvolveu-se por mais ou menos seis anos e criou uma nova situação para os Terena. Alguns agrupamentos perderam seus territórios para os novos habitantes não indígenas, tais como os ex-combatentes brasileiros e paraguaios, os fazendeiros que vinham se instalar na região entre outros.

O governo do estado brinda algumas lideranças com fardas, patentes e ferramentas, porém não lhes devolve seus antigos territórios. Dessa forma, as famílias buscam outros lugares para se abrigarem, mas continuam a luta através de suas lideranças, que agora foram celebradas pelo governo brasileiro com condecorações.

Após o fim da guerra do Paraguai, em 1870, o governo imperial buscou informações acerca das terras do sul de Mato Grosso, para pôr em prática a lei de terras, sancionada em 1850. As respostas contidas nos relatórios oficiais eram de que havia extensa área de terras devolutas, pois nenhum aldeamento ali existia.

Entenda-se por aldeamento à época aquelas organizações, tais como a “Aldeia Normal de Miranda”, criada em 1860, por Frei Mariano de Bagnaia, que se desorganizou com a citada guerra. Aldeamento era uma redução missionária, na qual conviviam várias etnias. Dessa feita, mesmo que os Terena e outras etnias se encontrassem agrupados naquela região, para o governo da província de Mato Grosso passavam despercebidos. No entanto, as lideranças terena continuavam

pleiteando suas terras junto ao governo brasileiro. (MOURA E ACCOLINI 2015, p. 252)

Segundo Levi Pereira (2009) apud Moura e Accolini (2015), a denominação aldeia para os agrupamentos Terena, possivelmente, surgiu de uma necessidade dos não indígenas (governantes e fazendeiros), uma vez que as lideranças indígenas referem-se aos seus territórios como setores, ou, ainda, por um nome Pokoó, Tuminiku, Naxe-Daxe, sem nenhum outro adendo.

No sul do Estado de Mato Grosso foram expedidos títulos de propriedade pelo governo a civis e militares. A segurança da região ficava a cargo dos fazendeiros e o povo Terena vivia em situação de total insegurança. Como indicam Moura e Accolini (2015, p.254), “Rondon, no momento da instalação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, reconheceu a situação de insegurança dos índios, principalmente dos Terena, que reivindicavam a demarcação de seus territórios.” O povo Terena vivia uma situação muito delicada, pois perderam a posse de terras e estavam assentados em sua maioria em fazendas ou vilarejos.

No início do século XX, o governo republicano brasileiro criou algumas reservas federais para acomodar os povos indígenas mansos que reivindicavam terras. No entanto, por trás desse ato que beneficiou os Terena, uma vez que a maioria de seus membros se achava empregada nas fazendas abertas após a Guerra do Paraguai, o governo pretendia controlar os indígenas e acelerar o processo de assimilação à sociedade brasileira. O objetivo era transformar os índios em trabalhadores nacionais, através da tutoria desenvolvida pelo Serviço de Proteção ao Índio. Dessa forma, os Terena foram territorializados pelo Estado brasileiro nas reservas federais (LIMA, 1995).

As famílias terena começaram a migrar das fazendas para as reservas, mas parte dos migrantes nunca havia vivido aldeada. Habitados a outra forma de organização sociopolítica, econômica e religiosa nas fazendas, buscavam reconstituir o “jeito de ser Terena”, ouseu *modus vivendi*, enquanto sujeito coletivo, uma vez que muitos não conheciam a vida na aldeia. A experiência era totalmente inédita para a geração dos Terena nascidos nas fazendas ou para aqueles que nelas se tornaram adolescentes e adultos, apesar de não ser nova para a etnia. Provavelmente, foram muitas as dificuldades de ajustamento às reservas, pois a situação exigia a construção de uma nova solidariedade grupal, diferente de suas relações nas fazendas. Cada indivíduo era marcado pela trajetória no mundo dos não índios e de seus espaços, porém se reconheciam Terena, embora com experiências múltiplas de relações sociais, políticas, econômicas e religiosas. (MOURA E ACCOLINI 2015, p. 255)

A categoria aldeia é usada pelos caciques somente na comunicação com os não indígenas. Para o autor, “o mais provável é que várias dessas localidades nomeadas como

aldeias fossem ocupações de grupos locais, que os Terena denominam de tronco, ou em certos casos reunissem um grupo de troncos aproximados por relações de parentesco e aliança política”. (PEREIRA, 2009, p. 52-53). A partir da década de 70 o povo Terena começou a se fortalecer politicamente através dos movimentos indígenas, a Constituição Federal de 1988, passa a lhes garantir direitos e é a partir daí que os povos indígenas passam a planejar suas reivindicações.

Podemos destacar as Aldeias, Bananal e Ipegue, como sendo as mais antigas e que se destacam populacionalmente em relação às demais e estão localizadas na Terra Indígena Taunay/Ipegue. As aldeias são desenhadas de acordo com a territorialidade terena e nascem a partir da necessidade política de suas lideranças. A saúde e a educação são e sempre foram bandeiras de luta do povo Terena. Quando o assunto é religião, temos os seguintes registros:

Na aldeia Bananal, são cinco igrejas: Igreja Católica do Sagrado Coração, Igreja da União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS), Igreja Independente Indígena Renovada, Igreja Assembleia de Deus e Igreja Pentecostal Redenção Eterna. Cada uma dessas igrejas tem um responsável que interage com a população indígena e a sociedade brasileira. Em Ipegue, a disposição das igrejas cristãs é a mesma da Aldeia Bananal. Os templos ficam localizados no terreno doado por um de seus fundadores, como é o caso das Igrejas Filadélfia, Presbiteriana e Assembleia de Deus, enquanto a Igreja católica localiza-se no centro, na rua principal, desde 1932. (MOURA E ACCOLINI 2015, p. 614)

Ao abordarmos o tema religião cabe ressaltar uma das questões que a literatura sobre o tema traz como sendo uma questão que representou uma grande mudança no processo de terenização do cristianismo, o Xamanismo. Para Moura e Accolini (2015), A cura é uma das funções mais relevantes relacionadas ao xamã, e a busca pela cura no curandeiro parece significar a busca de um sentido na doença para além do estado físico que esta possa acarretar. Esse fundamento direciona à dinâmica presente no xamanismo e no consentimento dado pela comunidade, que lhe fornece respaldo a fim de se reestruturar frente à crença protestante e seus seguidores. As lideranças evangélicas acreditam que o Xamanismo foi extinto com a morte dos Xamas antigos, tidos como poderosos, mas a quem acredite que o Xamanismo, a comunicação com os espíritos, ainda aconteça em algumas Aldeias. “No entanto, parece ser vista pelos Terena como um processo ideológico através do qual podem expressar uma visão cultural de sua história, manipulando e controlando suas representações”. (MENDONÇA, 1982; FRESTON,1994) apud. (MOURA E ACCOLINI 2015, p. 618)

Os Terena passaram a identificar-se como cristãos e essa identificação de certa forma, foi a maneira encontrada para inserção na sociedade brasileira na época, evitando assim a retaliação a seu povo.

A estratégia do governo brasileiro, desde o século XVIII, foi de se aproximar dos índios mansos para fortalecer as fronteiras e povoar o Mato Grosso, principalmente a região limítrofe com o Paraguai. Dessa forma, era imprescindível ter o apoio e a amizade de alguns grupos indígenas. Foi nessa época que os capuchinhos italianos, trazidos pelo governo brasileiro com a missão de catequizar e civilizar os indígenas, inauguraram a Aldeia Normal de Miranda. A civilização dava-se por meio das relações de trabalho e do convívio dos índios com os capuchinhos, com o Diretor de Aldeia, com os fazendeiros e os demais grupos indígenas com quem conviviam. (MOURA E ACCOLINI 2015, p. 618-619)

Os Terena se identificavam como cristãos, e a aliança entre a Igreja Católica e o Estado estava consolidada, “pensava-se em manter uma ampla dispersão administrativa no espaço, com a presença por “todo” o espaço demográfico do país, realizando assim o trabalho de territorialização dos poderes estatizados, e no tempo, pelo intervalo necessário ao “desbravamento de almas”, disciplinando populações heterogêneas.” (LIMA, 1995, p. 131).

Logo após o trabalho desenvolvido pelos Capuchinhos, vieram os Salesianos, estes, porém, deparam-se com condições precárias de trabalho na época. Mesmo assim em cumprimento a sua missão fundaram três colônias em Mato Grosso. Sagrado Coração (1902), Imaculada Conceição (1905) e São José (1905). Algumas colônias tornaram-se centros de circulação da população terena desde antes de sua fundação e foram instaladas nas Vilas mais povoadas da região – Miranda, Aquidauana e Corumbá (VASCONCELOS, 1999, p. 122-123). Mesmo tendo conseguido construir capelas de alvenaria nas aldeias Bananal, Ipegue e Limão Verde na década de 1930, o catolicismo Terena foi se configurando com os leigos na reserva Taunay/Ipegue, porém a disputa com o protestantismo missionário, e depois com o pentecostalismo, tornou-se cotidiana. (MOURA E ACCOLINI 2015)

O processo de indigenização do cristianismo foi muito além da apropriação de bens simbólicos e materiais. Determinou um novo locus de poder, que reflete diretamente no campo político, através do qual os Terena planejam suas relações políticas internas e externas. A criação da União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS) ilustra o processo de indigenização. Em 1972, em plena ditadura militar, a UNIEDAS foi fundada, congregando, inicialmente, doze Igrejas Evangélicas existentes sob a liderança dos Terena crentes e com a assessoria dos missionários norte-americanos da ISAMU/SAIM. Com a nacionalização da missão, por meio de UNIEDAS, a SAIM continuou ocupando espaço na sociedade terena através de sua política assistencialista e proselitista até 1993. Portanto, a UNIEDAS apareceu no cenário político religioso terena na década de 70 e consolidou-se como Missão indígena autônoma nas décadas seguintes. (MOURA E ACCOLINI 2015, p. 627)

Os Terena, passaram por todo esse processo de cristianismo para manter sua luta por seus direitos, pelo reconhecimento de uma sociedade e até mesmo para atender algumas necessidades espirituais ao perceberem que o Xamanismo não era um bem visto e aceito junto ao cristianismo. Como destaca Accolini (2004), os Terena apropriaram-se e moldaram, de

acordo com suas necessidades transcendentais e imanentes, os protestantismos e os catolicismos dentro de sua própria cosmologia. A luta do povo Terena pelo direito a identificação e demarcação de suas terras sempre perpassou pelas reivindicações de suas comunidades, reafirmando sua identidade.

Cabe aqui destacar que em Mato Grosso do Sul, os Terena organizaram-se em aldeias ou setores, conforme cada grupo étnico denomina Terra Indígena. Alguns organizam as aldeias em bairros ou vilas, no campo e na cidade. As aldeias ou bairros indígenas urbanos encontram-se nas cidades de Anastácio, Aquidauana, Campo Grande e Sidrolândia. A mobilidade de indivíduos e famílias terena na região é intensa e estende-se para outras regiões do país.

Mesmo tendo passado muito tempo de lutas e resistência, os povos indígenas conquistaram algum espaço através de políticas públicas que foram estabelecidas com o intuito de preservar sua cultura e garantir seus direitos. Historicamente, somos sabedores que os povos indígenas foram vítimas de um intenso processo de colonização e perseguição com a invasão de seu território, em 1500.

Os povos indígenas tiveram que se adaptar as novas estratégias de vida trazidas pelo colonizador e entre elas, estava o abandono de sua cultura, de seus costumes. É importante salientar que a educação nos parâmetros ocidentais, foi imposta aos indígenas como forma de integrar a sociedade, para que fossem de alguma maneira dominados e deixassem de lado sua cultura e suas tradições. Mesmo sendo forçados a aprender outra língua, incorporarem outras crenças e, por muitas vezes tendo que abandonarem as suas, submetidos a todo um processo de aculturação, os povos indígenas buscaram outros espaços e hoje estão na academia, sem deixar seus saberes tradicionais, sua cultura e suas tradições.

Entre os povos indígenas, a cultura é um patrimônio muito importante, por que resulta dos conhecimentos compartilhados de geração em geração. Na cultura indígena, sua cosmovisão merece destaque e respeito, quando se fala em reconhecer o espaço em que habitam e a maneira como tratam e cuidam desse espaço. Essa pesquisa mostra dentre seus questionamentos como essa cosmovisão se retrata através das respostas dos participantes da mesma. O destaque dessa pesquisa se dá para os povos da etnia Terena. Os Terena, por contarem com uma população bastante numerosa e manterem um contato maior com a população regional, são o povo indígena cuja presença no estado se percebe de forma mais intensa que outras etnias.

Da família Aruak, a língua terena é falada pela maioria das pessoas que se reconhecem, hoje, como Terena. Mas o seu uso - e frequência - é desigual nas várias aldeias e Terras Indígenas³.

De um modo geral, podemos definir os Terena como um povo estritamente bilíngue - entendendo por isso uma realidade social em que a distinção entre uma língua "mãe" (por suposto, indígena) e uma língua "de contato" ou "de adoção" (o português, no caso) não tem sentido sociológico. Os Terena, também chamados Terenoe, são uma etnia indígena brasileira. Pertencem ao grupo maior dos Guanás. Vivem principalmente no estado de Mato Grosso do Sul.

Em Aquidauana, os Terena se integraram a população da cidade e a presença dos Terena na Universidade, é expressiva, mesmo enfrentando horas exaustivas para locomoção das Aldeias até o município de Aquidauana, nada se compara ao início desse processo, no final de década de 90, onde o problema residia justamente na locomoção para sair das aldeias e dar continuidade aos estudos na cidade⁴. Os Terena, mais especificamente os estudantes universitários da etnia Terena da UFMS, Campus de Aquidauana, localizados na terra indígena Taunay-Ipegue e entre as Aldeias, Lagoinha, Ipegue, Colônia Nova e Bananal com sua visão de mundo, se constituem nos sujeitos desta pesquisa.

³ Dados obtidos através do site <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>

⁴ VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. A dimensão Sociopolítica do território para os Terena: as Aldeias no século XX e XXI; Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011.

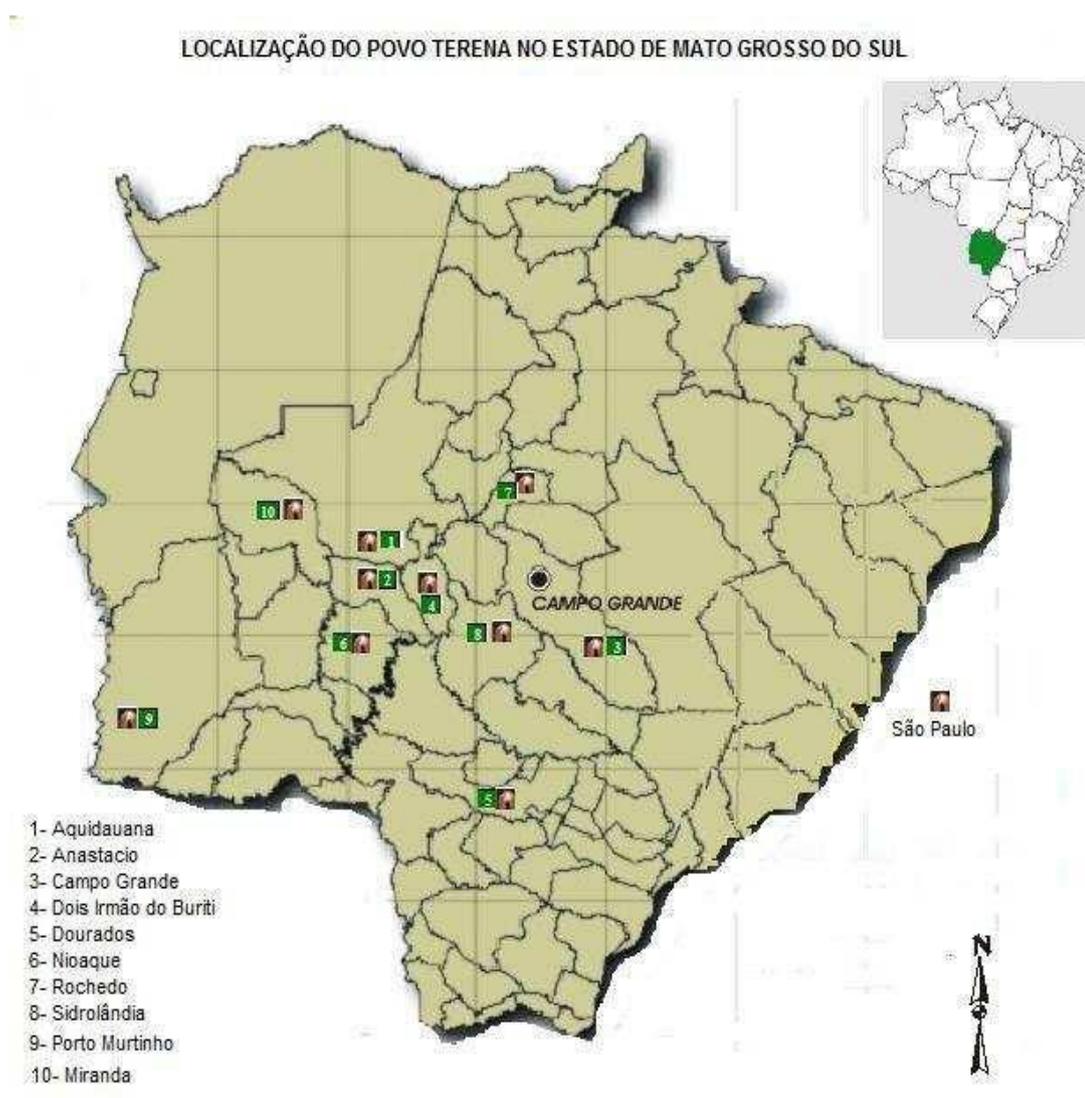


Figura 01: Mapa do Mato Grosso do Sul com localização das aldeias Terena.

Fonte: SECID/MS.

3. METODOLOGIA

Um método conforme Galliano (apud PRESTES, 2008, p. 29), “é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”. Lembra esse autor que muitas vezes se confunde método com técnica, por ele conceituado como “o modo de fazer de forma mais hábil, mais segura, mais perfeita, algum tipo de atividade, arte ou ofício” (GALLIANO apud PRESTES, 2008, p. 29). Sendo assim, técnicas distintas podem ser utilizadas ao se empregar um mesmo método, embora saibamos que algumas são mais adequadas que outras. De acordo com Gil (2008), no sentido etimológico ciência significa conhecimento, o autor nos esclarece

ainda mais ao enfatizar que a ciência pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Já o conhecimento científico é objetivo por que descreve a realidade independente de quaisquer questões que permeiem o imaginário ou as idiossincrasias dos pesquisadores. Enfatiza-se dessa forma a importância da metodologia científica em uma pesquisa. Partindo inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, caminhou-se para um estudo de campo. A escolha por este procedimento técnico deu-se devido ao que destaca Gil (2008, p. 57), “no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes”. Percebe-se, então, que este procedimento se vale tanto de técnicas de observação quanto de interrogação, o que permite maior flexibilidade no planejamento da pesquisa.

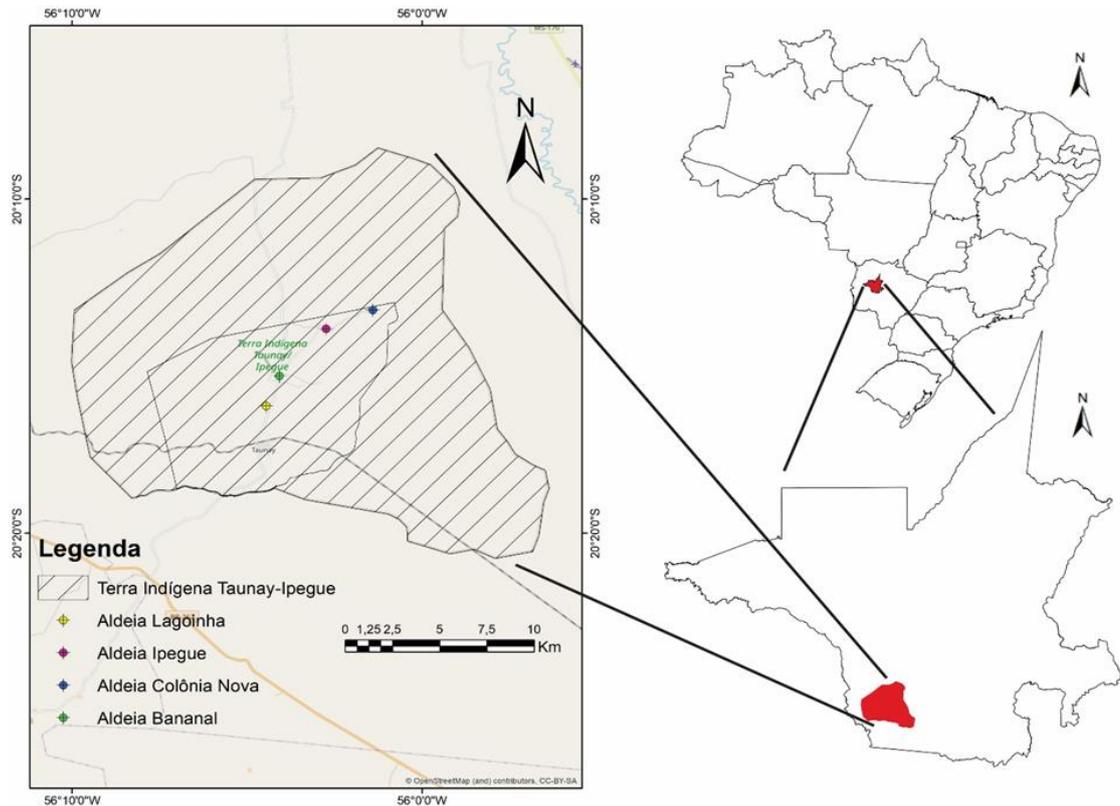
Quanto aos objetivos pode-se classificar esta de pesquisa como sendo do tipo exploratória, as pesquisas exploratórias proporcionam maior familiaridade com o problema de pesquisa. Com o método dedutivo e de natureza aplicada a abordagem dos dados será qualitativa. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O uso da pesquisa qualitativa trouxe uma grande contribuição para as pesquisas que se ocupam de melhor compreender fenômenos que permeiam o campo da aprendizagem e dos processos institucionais e culturais, bem como dos processos de socialização e sociabilidade.

Isto ampliou o universo epistemológico das discussões e permitiu aos pesquisadores assumir novas posturas, ao flexibilizar a relação entre pesquisador e pesquisados. Segundo André (2001) apud Weller; Pfaff (2011) a pesquisa qualitativa precisa adensar sua capacidade explicativa por que a identificação de padrões, dimensões e relações, constitui etapa essencial para a construção e/ou reconstrução de teorias e a aplicação destas teorias a outros contextos. Faz-se necessário considerar o que Guba e; Lincoln (1994) nos advertem, os estudos conduzidos através de uma abordagem qualitativa não estão isentos de cuidados e critérios adequados para que tenham garantida sua qualidade científica.

Por envolver população indígena na coleta de dados, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil, sob o CAAE: 07617518.0.0000.0021, recebendo aprovação em 30 de julho de 2019.

Os participantes desta pesquisa foram os acadêmicos das turmas de Licenciatura e do Bacharelado dos cursos de Geografia do campus CPAQ que residem nas aldeias, esta escolha

deu-se devido ao prévio conhecimento da noção de espaço atribuída aos acadêmicos dos cursos de geografia licenciatura e/ou bacharelado. A participação ficou restrita aos acadêmicos da etnia Terena residentes nas Aldeias devido à importância inexorável desta relação.



Org.Molina,2020

Figura 02: Localização das Aldeias de Residência dos Participantes da Pesquisa

A pesquisa qualitativa, que foi abordagem utilizada, precisa adensar sua capacidade explicativa por que a identificação de padrões, dimensões e relações e para tal constitui etapa essencial para a construção e/ou reconstrução de teorias e a aplicação destas teorias a outros contextos. Faz-se necessário considerar o que Guba; Lincoln (1994) nos advertem, os estudos conduzidos através de uma abordagem qualitativa não estão isentos de cuidados e critérios adequados para que tenham garantida sua qualidade científica.

Tais participantes foram escolhidos atendendo a sua origem étnica, isto por ser constatada uma alta taxa de alunos de origem indígena inseridos nos cursos que a instituição oferece. A amostra foi aleatória, dividida em randômica simples, pois cada sujeito da população teve a mesma chance de ser escolhido, através de um sorteio, participaram cento e

quarenta acadêmicos (140). Quando se pratica este tipo de amostra, se inclui todos os participantes, ou seja, os 140, como já foi explicado acima, todos tem a mesma chance de participar, pois trata-se de uma amostra randômica simples⁵, o total de respondentes foi de trinta e cinco acadêmicos (35).

O instrumento de coleta de dados foi um questionário com questões abertas. Através das respostas dos participantes da pesquisa foram construídas categorias de análise que permitiram a comparação sobre a relação que eles estabelecem entre sua identidade cultural e o espaço geográfico que habitam. De acordo com Hall (2011), a identidade muda de acordo com a forma que o sujeito é interpelado ou representado, a identificação de um sujeito, de uma cultura, de um grupo social, pode não ser automática, mas muitas vezes pode ser adquirida ou até mesmo perdida.

A análise comparada é uma investigação que simplifica o trabalho comparativo quando conduz a comparação em termos de tipos ideais e modelos de sociedade. Podemos nos reportar a professora Emília Elías de Ballesteros que em seu livro *Educación Comparada* (apud VELARDE, 2000), declara que essa metodologia não pode reduzir-se a exposição fria de dados e estatísticas. Faz-se imperioso compreender que o trabalho científico não consiste em elaborar somente proposições verificáveis sobre a relação entre variáveis que possam ser incorporadas a uma teoria, mas fundamentalmente verificar e comparar estas relações. Aqui podemos aceitar a afirmação de Popper (2010), segundo a qual somente uma descoberta negativa durante uma investigação pode servir para refutar logicamente uma proposição, que pode ser válida em alguns casos, porém, não em outros, daí a importante e necessária contribuição da análise comparada.

Mas como a comparação é uma tarefa especialmente complexa, revisitou-se brevemente os três mundos trazidos a reflexão por Popper (2010), o que torna claro que uma só verificação pode nos trazer dados menos claros do que quando estes mesmos dados são comparados entre si. A comparação, não é um método substituto da experiência controlada, como muitos têm afirmado. Nos últimos anos, temos descoberto, graças aos estudos comparados que as relações entre estas variáveis são diferentes em outras sociedades, especialmente nas menos desenvolvidas.

Desse modo, para Popper (2010) o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades

⁵ Amostra aleatória ou randômica: Pode ser dividida em randômica simples, que é aquela em que cada membro da população tem a mesma chance de ser escolhido, por ex. um sorteio.

entre eles, isso facilita o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

De um universo de cento e quarenta (140) acadêmicos matriculados nos Cursos de Geografia, Licenciatura e Bacharelado, participaram da pesquisa trinta e cinco (35) alunos. O universo ou população é um conjunto que possui determinadas características (GIL,2008). O universo ou população da pesquisa em questão são os acadêmicos matriculados nos cursos de Geografias. Já a amostra pode ser definida como sendo um subgrupo deste universo ou população.

Existem na metodologia científica vários tipos de amostragem, optou-se aqui pela amostragem estratificada. Este tipo de amostragem tem vantagens em relação as demais como nos assegura Gil (2008, p. 93), “ este tipo de amostragem tem como principal vantagem o fato de assegurar representatividade em relação as propriedades adotadas como critérios para estratificação. ” Como trata-se de uma pesquisa que tem como critério de inclusão todos os acadêmicos (as) das turmas de Licenciatura e do Bacharelado dos cursos de formação em Geografia do campus de Aquidauana, UFMS/CPAQ que residem nas aldeias indígenas da região, atendendo à sua origem étnica. Considerando que os referidos acadêmicos foram incluídos, somente a partir da assinatura do RCLE⁶. O critério de exclusão da pesquisa centrou-se nos acadêmicos (as) das turmas de Licenciatura e do Bacharelado dos cursos de formação em Geografia do campus de Aquidauana, UFMS/CPAQ que residem nas aldeias indígenas da região, mas não tem origem indígena, bem como os que não estiverem de acordo com o RCLE.

Sendo assim, a amostra que constitui esta pesquisa, considerou todas as variáveis implícitas na coleta de dados. O cenário da pesquisa é a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana.

O Campus de Aquidauana da UFMS (CPAQ) teve seu início com o requerimento do vereador Plínio de Arruda Leite, solicitando, na sessão da Câmara de Vereadores, de 24 de abril de 1970⁷, a criação da Faculdade de Filosofia em Aquidauana (MS). Em 27 de abril de 1970, este pedido foi encaminhado ao Secretário de Estado de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso pelo Presidente da Câmara, vereador Miguel Demétrio Diacópulos. No dia 10

⁶ Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁷ Dados extraídos da página do Campus <https://cpaq.ufms.br/category/cpaq/>

de julho do mesmo ano, pelo Ofício n.º 131/70, o Secretário de Estado de Educação informou que o Governador do Estado, o Engenheiro Pedro Pedrossian, concordava com a criação do Centro Pedagógico.

Em seguida, em 8 de agosto, reúnem-se diversos representantes da sociedade aquidauanense para as primeiras providências visando à criação da Instituição. Esta reunião foi secretariada por Nelly Marrani, que era a Secretária de Educação do Município, com a presença de diversas autoridades e membros da comunidade e da Prof.^a Dóris Mendes Trindade, então Coordenadora do processo de criação e implantação da Faculdade.

No dia 21 de agosto de 1970, foi publicado, no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, o Decreto n.º 1.146, de 13 de agosto de 1970, criando o Centro Pedagógico de Aquidauana (CPA), integrado à Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), com sede na cidade de Campo Grande. O Centro Pedagógico instalou-se, inicialmente, no prédio da Escola Estadual Coronel José Alves Ribeiro (CEJAR), em 1971. Posteriormente, o Estado comprou e entregou à comunidade a construção inacabada do Ginásio Imaculada Conceição, de propriedade dos Padres Redentoristas, localizado na Praça Nossa Senhora da Imaculada Conceição, o qual foi concluído no ano de 1974, para mudar-se o Centro Pedagógico, (Unidade I).

A partir de 06 de fevereiro de 1971, o CPA começou a ter condições de funcionar e, através da Portaria n.º 14/1971, o Reitor da UEMT designou a Prof.^a Dóris para responder pela Direção do Centro. Neste mesmo ano, foi realizado o primeiro vestibular para os cursos de Letras/Português, Letras/Inglês e Estudos Sociais. A instalação oficial deu-se em 07 de março de 1971 e o período letivo iniciou-se em 29 do mesmo mês e ano. Depois da divisão do Estado, em 1977, e com a federalização da UEMT, em 1979, o Centro passa a constituir uma Unidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o nome de Centro Universitário de Aquidauana (CEUA) e, posteriormente, Campus de Aquidauana (CPAQ).

O Curso de Geografia, licenciatura e bacharelado, funciona na Unidade II do Campus de Aquidauana, sendo o curso de licenciatura no período noturno, localizado no bloco B e o curso de bacharelado no período vespertino, localizado no bloco C.

Quanto aos sujeitos participantes da pesquisa, todos os trinta e cinco (35) participantes se autodeclararam pertencentes da etnia Terena, com uma faixa etária entre 21 a 45 anos. A que se considerar que dentro das variáveis encontradas na pesquisa, deparou-se com uma grande resistência por parte de alguns dos sujeitos da pesquisa em participar da mesma. Alguns negaram-se a responder, outros levaram os questionários alegando não conseguir concluir em tempo hábil e, portanto, não devolveram para o pesquisador o questionário preenchido. Dentre

os que se negaram a responder, uma das alegações dizia respeito ao grau de dificuldade encontrada por eles para caracterizar o espaço geográfico e sua interferência na constituição de sua identidade. No momento da aplicação do questionário, explicou-se o teor das perguntas, assim como a finalidade da pesquisa, da mesma forma, no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) o pesquisador deixou estabelecidas as responsabilidades do mesmo a respeito da ação nos questionados e dos efeitos que este poderia ocasionar neles.

3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

A organização da análise das questões propostas pelo Instrumento de Coleta de Dados aplicado aos participantes da pesquisa permitiu esboçar algumas semelhanças entre a unidade e a diversidade de posições entre os sujeitos participantes da pesquisa. De acordo com Bardin (2011, p.147), “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento, com os critérios previamente definidos.” Cada questão significa a Categoria Principal-CP e, as respostas analisadas e apresentadas pela incidência repetida das ideias constituem as Categorias Específicas-CE. Portanto, cada CP possui um conjunto de CE que são analisadas na sequência.

Serão discutidas do ponto de vista das ideias que aparecem em maior número de vezes caracterizando assim uma incidência no entendimento da relação que o sujeito tem da interferência do espaço na constituição de sua identidade. Nesta pesquisa, devido à necessidade de valorizarmos as crenças, valores e significados pertencentes a um determinado grupo social, optou-se pela aplicação da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), uma vez que esta técnica, tem demonstrado sua eficácia para o processamento e expressão das opiniões coletivas.

As expressões chave, as ideias centrais e os discursos do sujeito coletivo são os principais operadores metodológicos do DSC. As primeiras são trechos literais dos depoimentos, que sinalizam os principais conteúdos das respostas, que nomeiam os sentidos de cada depoimento e de cada categoria de depoimento, na sequência, os signos compostos pelas categorias e pelo seu conteúdo, ou seja, as expressões-chave que apresentam ideias centrais semelhantes agrupadas numa categoria.

Estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que uma ideia ou

posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado. (LEFEVRE, LEFEVRE E MARQUES, 2009, p. 1194)

Dessa forma, as representações acerca do assunto são formadas pelo conjunto dos discursos do sujeito coletivo relativos ao tema pesquisado. De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2014) apud (Nicolau; Escalda; Furlan,2015) as histórias coletivas trazem consigo códigos coletivos narrativos socialmente compartilhados. O que torna essa metodologia específica é que a cada categoria estão associados, os conteúdos das opiniões presentes em diferentes depoimentos, como se fosse uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (LEFÈVRE E LEFÈVRE,2014).

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), é uma proposta de reconstituição, uma vez que, as opiniões, ou as representações sociais, funcionam efetivamente. Como corrobora Lefèvre e Lefèvre (2006), justamente por que o indivíduo acredita que suas opiniões são de fato suas, são geradas em seu cérebro, sem influência de ninguém.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ESPECIFICIDADES DA GÊNESE E CONSTITUIÇÃO DA CULTURA TERENA INSERIDA EM UM CONTEXTO CULTURAL E PROCESSO HISTÓRICO-SOCIAL

Existem alguns graus de universalidade dentro do vasto universo cultural que povoa o mundo pois, de forma quase instintiva, todas as culturas inserem o mito na hora de explicar sua origem, outro elemento interessante de perceber é a participação de representantes da fauna conhecida e próxima de cada cultura, presente na construção de ditos relatos, no caso particular da Etnia Terena, podemos apreciar este componente universal no seguinte relato:

Havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou a chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000, p.22)

A história do povo Terena, pela sua presença geográfica está diretamente ligada à história do Brasil no geral, num primeiro momento com presença bastante significativa na chamada Guerra do Paraguai pois, nesse conflito que foi do ano de 1864 até 1870, sua participação ficou registrada da seguinte forma. De acordo com (Bittencourt e Ladeira, 2000, p.22), “esta guerra, na qual participaram muitos países - Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai - envolveu também os escravos de origem africana e povos indígenas. Os Terena e Guaicuru aliaram-se aos brasileiros e lutaram para preservar seu território.”

Na atualidade, sua inserção no território sul-matogrossense, mais especificamente no Municípios de Aquidauana e seu município vizinho, Anastácio, encontra-se principalmente na região rural de ambos nas numerosas aldeias que, distritalmente, fazem parte administrativamente de ambos os municípios e embora moradores das zonas rurais, grande parte de suas atividades devem ser realizadas na zona urbana destas mesmas cidades.

É na cidade que realizam eventualmente suas compras, onde vendem os produtos agrícolas por eles produzidos e, nos últimos anos, participam ativa e massivamente na atividade universitária desenvolvida pelo CPAQ da UFMS, isto como parte das muitas Políticas Públicas de Ação Afirmativa criadas pelo poder público tais como o PROLIND, programas de bolsas para formação e de manutenção no Ensino Superior assim como o fornecimento de transporte desde as suas comunidades até as unidades acadêmicas e vice-versa.

Nas respostas elaboradas pelos acadêmicos que participaram desta pesquisa, pode-se observar que se percebem como sujeitos culturais reconhecidos pela comunidade que os alberga, que existem algumas dificuldades para que o seu valor não fique somente no plano dos estereótipos e que antes do que mais nada, são parte importante da região e, mesmo com dificuldades, conseguem manter seus rasgos culturais mais importantes: tradições, artesanato, celebrações, danças, etc., de forma efetiva.

4.2 PROCESSO DE INSERÇÃO CULTURAL DA ETNIA TERENA NA CIDADE DE AQUIDAUANA/MS, SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA;

O ser humano, individual e coletivamente, é um sujeito cultural, histórico e espacial, não há chance de ele existir e coexistir sem uma porção de terra onde realizar esta existência. Daí a luta constante tanto de indivíduos como de grupos pela posse de um espaço onde exercer ou ato de viver, o que evidencia o fato de que a pertença do homem a um determinado espaço, que chamaremos Território, tem seu desdobramento lógico na Territorialidade, entendido isto numa perspectiva geográfica cultural da seguinte forma:

O espaço que os geógrafos estudam não é a planície uniforme e sem obstáculos dos economistas. Diferencia-se pelo seu relevo, seu clima e pelas formas de povoamento. Ele tem histórias variadas, dependendo dos lugares e áreas. As pessoas identificam-se com a área onde moram desde crianças, na área para onde migram, com a área onde trabalham e onde têm amigos. (SERPA, 2008, p.18)

Nesse sentido, o espaço adquire um valor simbólico fundamental na construção da identidade pois ele associa-se a vida e vivências. A vida das pessoas transcorre no espaço físico, objeto de estudo da Geografia. Quando sugerido que tentar-se-ia: Promover o diálogo na Geografia acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS o objetivo estava focalizado na necessidade de um olhar mais baseado nos aspectos humanos da Geografia do que o que disse relação ao meramente físico da mesma.

Se considerarmos que a cidade é um espaço de representações, pois ela é totalidade e também particularidades, cidade é espaços públicos, é instituição representativa do mercado, é instituições representativas do serviço público, temos que, por exemplo; no caso das instituições públicas do Ensino existe sim esse diálogo Geográfico, pois existe a interação permanente dos representantes da cultura Terena com o espaço físico dessas representações da cidade, ou seja, há sim uma relação dialética permanente entre estes dois interlocutores, o indivíduo Terena e o representante espacial simbólico da cidade de Aquidauana, no caso em questão, a instituição de Ensino Superior inserida nela, a UFMS.

4.3 RELAÇÃO EXISTENTE, PARA A CULTURA TERENA, ENTRE OS ASPECTOS CONSTITUTIVOS DE SUA IDENTIDADE CULTURAL COM O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM QUE ELA SE ENCONTRA INSERIDA.

Os rasgos que dão constituição a uma identidade cultural tanto individual como coletiva, são da índole mais variada, pois vão do aspecto mais elementar da vida em comunidade, que é a necessidade de se comunicar com um elemento comum a todos eles, a linguagem, assim como questões de caráter ético pois há necessidade de estabelecer regras para o convívio dentro da comunidade, assim como questões de índole estética, pois existem manifestações de representações que encaixam ou devem encaixar num determinado padrão de consenso estético dentro dessa comunidade.

Assim, a língua vai estar determinada por aquilo que os indivíduos conhecem dentro de seu universo visual, ou seja, através da língua o indivíduo representa com sons e letras seu universo conhecido, tanto o que faz parte do universo físico como objetos, plantas, animais, aves, etc., assim como as coisas que representam seu universo interior, medos, certezas, convicções, etc.

Nesse sentido, cultura é a relação da espécie humana com o mundo em que vive, está relacionada à aprendizagem das manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo como: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, formas de dar sentido ao mundo etc. (DOMINGO E MARIA, 2017, p. 61).

A fusão homem-natureza conhecida é muito forte, mesmo que as vezes possa parecer difícil de apreciar, no caso da representação artística de uma cultura, sempre a aparência dos indivíduos terá alguma relação de representatividade do espaço ao qual pertence e do qual faz parte, espaço não só comunitário senão também geográfico, por exemplo no caso da fauna, os animais que povoam seu universo conhecido, serão os mesmos que ele tentará representar nas suas danças, as cores que usaram para adornar seu corpo, normalmente são as obtidas através de processos químicos ancestrais em raízes de plantas ou arvores que sempre realizaram. A seguir passam a ser apresentados os quadros com as percepções dos sujeitos da pesquisa e a análise de seus discursos. O quadro de nº 1 explicita justamente a discussão aqui apresentada, a relação do indivíduo e a representatividade dessa relação com o espaço que ocupa.

QUADRO 01: CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO

CATEGORIAS PRINCIPAIS - CP	CATEGORIAS ESPECÍFICAS – CE
<p>CP 1- Como você caracteriza o espaço onde está inserido ou espaço que ocupa? E que relação percebe desse espaço no desenvolvimento de sua identidade cultural?</p>	<p>1.1 Por ser um lugar já conhecido e por ter uma parte de nossos parentes, isso faz com que nosso espaço dentro do determinado, seja mais fácil o reconhecimento e podemos também ter um apoio;</p> <p>1.2 É caracterizado com diversas paisagens já transformadas pela ação humana. No aspecto do desenvolvimento, na nossa identidade cultural muito diferente com o passar dos anos;</p> <p>1.3 Caracteriza-se como paisagem natural modificada pelo homem, mas sempre buscando preservar o que está ao redor. O espaço em que vivemos nos traz muita história do povo Terena e nos faz aprender mais sobre cultura com a finalidade de transmitir isso a nova geração;</p> <p>1.4 É caracterizado como o espaço do bairro. E a nossa identidade cultural é desenvolvida, pois ela não pode acabar. Temos que honrar a nossa cultura;</p> <p>1.5 Caracterizo como um espaço tranquilo.</p> <p>1.6 O espaço onde eu vivo é pequeno, muitas das vezes desvalorizado nossa identidade cultural muitas das vezes não é mostrada ou são imaginadas de outra forma;</p> <p>1.7 Estamos inseridos num espaço que vivemos em comunidade, pois assim vivemos num lugar que sempre estamos melhorando, aperfeiçoando cada vez mais durante a nossa vivencia. Em relação a nossa identidade cultural procuramos manter sim, sempre de acordo com cada região que estamos;</p> <p>1.8 Devido a convivências por anos caracterizo os seguintes aspectos que o espaço me permite uma ampla visão estruturada e adequada de uma convivência mútua, uma familiaridade mais extensa, a preservação desenvolve a influência e um desenvolvimento cultural mais agrupado e constituindo uma identidade mais pragmática em minha visão o que desenvolve mais uma função e a preservação do espaço onde estou situado;</p> <p>1.9 Sim, mas que já foi bastante modificada e está sendo cada</p>

	<p>vez mais;</p> <p>1.10 Com as características sobre uma análise que não tem muito o que desenvolver devido a oportunidade de espaço;</p> <p>1.11 Me caracterizo bem, inserido neste ambiente, uma boa relação.</p> <p>1.12 Assim as vezes não precisa estar inserido, somos índios Terena, a identidade cultural está no nosso sangue.</p>
--	--

Ao se analisar as respostas que os participantes deram, diante do primeiro questionamento que indaga: Como você caracteriza o espaço onde está inserido ou espaço que ocupa? E que relação percebe desse espaço no desenvolvimento de sua identidade cultural? As respostas foram variadas, porém, existem elementos que são comuns, a saber: O espaço para eles está diretamente relacionado a aquele lugar comunitário habitado por eles, é ali onde a vida se desenvolve, tanto na vida como na subsistência, da mesma forma, as modificações que este espaço sofre, são as mesmas que a vida na comunidade experimenta e estão em estreita relação com as suas necessidades. Chama a atenção o fato que a palavra Aldeia quase não é mencionada é sim a palavra Bairro, é mesmo que dando ao espaço uma grande importância, não conseguem nomeá-lo desde o ponto de vista que a Geografia poderia esperar: Território, Lugar, Espaço, etc., exceção feita pela palavra Paisagem, ora natural, ora urbana, mencionada em algumas ocasiões. Pois, a sua nomeação está marcada pela familiaridade deles com este e pela segurança que a eles é transmitida pelo mesmo. Em sínteses a percepção de espaço está mais relacionado ao meio social onde eles estão inseridos do que em outra coisa. Em relação aos elementos que são transmitidos desde o meio natural ou espaço em que estão inseridos na sua construção identitária, percebe-se, que mais uma vez, o sentimento ou percepção que predomina é o de senso de pertença a um espaço comunitário social em que os elementos estão fortemente enraizados com sua Etnia, ou seja, existe um forte sentimento de identidade social em detrimento da identidade individual e até familiar. Para Souza (2013, p.32), “o espaço social é, a princípio, algo material, tangível, palpável, Campos de cultivo, pastagens; casas, prédios, cabanas, ocas, estradas, ruas, vielas, picadas; barragens, represas, usinas...a lista é imensa, quase infinita. ” Cabe fazer notar que aqui aparece em alguma resposta as noções de cuidado ao meio ambiente e de preservação deste. No quadro 02, veremos através da construção dos discursos do sujeito coletivo, se as peculiaridades ou especificidades do espaço que os participantes da pesquisa habitam exercem alguma influência na construção de sua identidade.

QUADRO 02: ESPAÇO/IDENTIDADE

CATEGORIAS PRINCIPAIS - CP	CATEGORIAS ESPECÍFICAS – CE
<p>CP 2 - Existem peculiaridades e/ou especificidades desse espaço que você percebe que dê alguma forma exerceram ou exercem influência na construção de sua identidade?</p>	<p>2.1 As mudanças são grandes que de alguma forma trouxeram benefícios. Hoje podemos ver e destacar os professores indígenas atuando dentro das escolas e também os avanços tecnológicos.</p> <p>2.2 Sim existe, diante da evolução a nossa cultura sofre alterações, como a língua que está se perdendo, no caso a língua Terena.</p> <p>2.3 A maneira como a aldeia vem evoluindo é um pouco preocupante, pois nós futuros professores temos a missão de ensinar os costumes dos antepassados, mas as vezes é difícil, pois o espaço onde vivemos vem evoluindo cada vez mais, fazendo assim uma dificuldade de manter a questão cultural.</p> <p>2.4 A nossa identidade sempre e está sendo exercitada nas escolas, pois precisamos ensinar as crianças que estão ali a manter nossa cultura;</p> <p>2.5 S/Resposta;</p> <p>2.6 Não, porque desde criança apreendemos a nossa cultura e não afeta nada na nossa construção de identidade;</p> <p>2.7 Sim especificidade de manter nossa tradição, cultura que vem do passado, através dos anciãos, que lutaram e cabe a nós manter e proteger nosso espaço, vimos também até mesmo, nosso modo de viver, está sendo alterado muitas vezes para melhor, ou até isso nós prejudica de uma ou outra forma;</p> <p>2.8 Em minha ampla visão acredito que há certas especificidades e peculiaridades que são inseridas voluntariamente e involuntariamente, mas vejo que influenciam sim numa construção de identidade, culturalmente falando vejo que como por exemplo a tecnologia, as mídias sociais influenciam a união do lugar a manutenção da</p>

	<p>cultura, a preservação do espaço, a continuidade das tradições, a ligação de tais lugares, todas elas dão uma credibilidade do lugar, fazendo assim um desenvolvimento em conjunto;</p> <p>2.9 Sim;</p> <p>2.10 Pela UFMS sim, como tem bastante indígenas estamos mantendo a nossa identidade, tentando mostrar ser bem influente;</p> <p>2.11 Creio que não;</p> <p>2.12 Levar conhecimento a minha comunidade, que aprendi ao longo da graduação e ajudar a minha comunidade.</p>
--	---

No que diz relação com o segundo questionamento, que reforça a segunda parte da primeira questão pois retoma a discussão acerca de que se: Existem peculiaridades e/ou especificidades desse espaço que você percebe que dê alguma forma exerceram ou exercem influência na construção de sua identidade? É possível estabelecer que, mais uma vez, a palavra identidade não é associada ao termo cultura num sentido específico particular pois predomina o conceito no âmbito dos costumes e as tradições como expressão comunitária, reforçando ainda mais a visão de que no seio da comunidade as particularidades não aparecem. Aqui aparece sim um elemento interessante de ser analisado que é o da percepção de vários dos questionados acerca do fato de eles perceberem que existem mudanças de ordem social que são preocupantes, como por exemplo da forma em que os costumes e o uso da língua perdem terreno para as novas formas de se organizar e de se comunicar as sociedades hoje em dia possuem, bem como mudanças mais positivas, como por exemplo as possibilidades que a comunidade atribui as camadas mais jovens pela sua inserção no âmbito da Educação Superior, o que na visão deles fará com que ditas gerações tenham um papel mais ativo e eficaz na salvaguarda do acervo cultural Terena, leia-se manutenção da língua materna, dos costumes, inserção de elementos étnicos próprios nas práticas de ensino nas aldeias, etc. Chamorro e Martins (2015), corroboram ao enfatizar a importância de se preservar a diversidade linguística no mundo, por ser cada língua humana um sistema único de comunicação e expressão das experiências histórico-culturais e cosmológico-simbólicas da comunidade que a fala e, portanto, o legado mais autêntico da ecologia de uma sociedade humana. No quadro 03, vemos com quais outros aspectos a palavra espaço geográfico está associada na cultura Terena.

QUADRO 03: ESPAÇO GEOGRÁFICO/CULTURA TERENA

CATEGORIAS PRINCIPAIS - CP	CATEGORIAS ESPECÍFICAS- CE
<p>CP 3- A palavra espaço geográfico, ou simplesmente espaço, aparece, por vezes, associada a uma porção específica da superfície da Terra. E tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo em seu interior. Na cultura Terena, a palavra, espaço, está associada a quais escalas?</p>	<p>3.1. É um lugar onde moramos. O espaço também que a natureza nos reserva, a beleza natural de um lugar, a preservação do meio ambiente e de seres vivos que existem nela;</p> <p>3.2. Sim a palavra está associada dentro da cultura terena em diversas coisas, pois cada indivíduo na comunidade ocupa seu espaço;</p> <p>3.3 A questão do espaço geográfico está associada ao povo Terena em latitude, longitude, o que está a nossa volta.</p> <p>3.4. Está associada como bairro;</p> <p>3.5 Na cultura Terena a palavra espaço está associada em nossa comunidade a terra, campos, lazer sem discriminação. Um espaço que serve um povo só;</p> <p>3.6. Está associada a regional;</p> <p>3.7. Na minha cultura está associado a escala regional, cada um está mais ligado ao lugar onde geralmente nasceu, de origem;</p> <p>3.8. Em minha visão a palavra espaço está associada a uma escala regional, porque primeiramente a cultura Terena está mais agrupada a essa região específica do Mato Grosso do Sul, em cidades como Aquidauana, Miranda, Dourados e alguns outros pequenos municípios dando um impacto forte na cultura de cada região;</p> <p>3.9. Em uma escala regional;</p> <p>3.10. Do bairro sim como cultura somente;</p> <p>3.11 O espaço em que vivemos;</p> <p>3.12. Acho que diferentes escalas por que cada índio tem seu espaço, é bem complexo.</p>

Já na resposta da questão número três, cuja abordagem é: A palavra espaço geográfico, ou simplesmente espaço, aparece, por vezes, associada a uma porção específica da superfície da Terra. E tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global,

continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo em seu interior. Na cultura Terena, a palavra, espaço, está associada a quais escalas? Aqui existem várias percepções, pois desde uma perspectiva mais micro parte-se da noção de uma escala que sugere a ideia de Bairro que eles habitam, passando também pela ideia mais macro da região onde eles estão espacialmente inseridos, já num sentido mais holístico, mesmo que não explicitamente e sim implicitamente está associado à pátria ancestral que viu eles nascer. Aqui também aparecem elementos de respeito ao meio, pois independentemente da escala, o espaço é algo que deve ser cuidado. De acordo com Souza (2013, p.117), “ se todo o lugar é um espaço social, nem todo o espaço social é um “lugar”, ao menos no sentido forte aqui especificado: o espaço social é aquele espaço produzido socialmente, fruto da transformação e apropriação da natureza, ao passo que lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido. ” Já Serpa (2008), afirma que o “saber ambiental”, por sua vez, é produzido no diálogo de saberes. Implica na apropriação de conhecimentos e saberes de diferentes racionalidades culturais e identidades étnicas. Produz novas significações sociais, novas formas de subjetividade e posicionamentos políticos em relação ao mundo. De extrema importância, o quadro de nº 04, que vemos a seguir, aborda a relação linguagem/identidade. Para alguns autores, como Costa (2015), a linguagem, pode ser considerada como a janela para a natureza humana, como podemos observar nas respostas dos participantes no quadro abaixo.

QUADRO 04: LINGUAGEM/IDENTIDADE

CATEGORIAS PRINCIPAIS - CP	CATEGORIAS ESPECÍFICAS – CE
<p>CP 4- É através da linguagem que são construídas as narrativas históricas e sociais de um povo com o espaço em que habita. Explique como se dá essa construção linguística envolvendo a flora, fauna, relevos, rios, fenômenos climáticos do lugar, nos dias atuais? E que relações são tecidas com essa construção linguística e os contornos de uma identidade, tanto individual como</p>	<p>4.1. Está no conhecimento. O valor que o ambiente nos traz, sons e cantos, coisas que ele nos permite sentir;</p> <p>4.2. A construção linguística do espaço é construída através dos anciãos e professores da própria comunidade, ou seja, do nosso espaço. A língua materna, os costumes e a vivência em família.</p> <p>4.3. Hoje a construção linguística está presente mais em anciãos, pois a língua é muito pouco falada por jovens ou crianças. É raro encontrar, mas praticando e</p>

coletiva?	<p>ensinando os costumes e dando, mais valor a isso, o cenário pode mudar.</p> <p>4.4 S/Resposta;</p> <p>4.5 S/Resposta;</p> <p>4.6 A nossa língua Terena ela é muito clara quando a relação é a natureza e hoje nos dias atuais isso dificulta porque vemos desastres e catástrofes ambientais e por isso nós dificulta a ensinar o espaço onde vivemos;</p> <p>4.7 É através da cultura da língua que podemos preservar a nossa cultura Terena, geralmente nos dias atuais temos avanços muito grandes na língua portuguesa e deixado a própria nossa língua de lado e assim o modo de se pronunciar acaba ficando um pouco sem cultura, pois tem lugar que já não existe essa comunicação afetando assim a vida individual como coletiva, principalmente na nossa região dos Terenas;</p> <p>4.8. Claramente em poucas palavras há uma influência muita grande, mas perdeu-se um pouco dessa essência. A minha pessoa, por exemplo, alguns tipos de plantas medicinais eu conheço, mas não sei seu nome e onde procurar, eu só sei para que serve vejo no lugar onde eu moro em um grupo de amigos essa questão das plantas um ou outro que sabe dessa existência por isso de observação das questões anteriores, onde a tecnologia altera um modo específico de aquele lugar, hoje infelizmente de uma forma impactante perdeu-se essa essência introduziu uma mudança radical no modo individual e coletivo;</p> <p>4.9 Sim, a linguagem é de extrema importância para a cultura, mas eu está se perdendo, eu mesmo não sei a língua Terena.</p> <p>4.10. Com o coletivo, de plantação de vegetação para que o clima, a fauna e a flora permaneça favorável.</p> <p>4.11. Uma linguagem usada na língua indígena;</p> <p>4.12. Está em constante mudança, tanto na construção</p>
-----------	--

	linguística para manter a cultura, que repassamos a nossos filhos, hoje em dia é mais difícil.
--	--

A questão número quatro, que incorpora a língua como objeto a ser estudado e que foi formulada da seguinte forma: É através da linguagem que são construídas as narrativas históricas e sociais de um povo com o espaço em que habita. Explique como se dá essa construção linguística envolvendo a flora, fauna, relevos, rios, fenômenos climáticos do lugar, nos dias atuais? E que relações são tecidas com essa construção linguística e os contornos de uma identidade, tanto individual como coletiva? As respostas permitem entrever que existe uma percepção um tanto fixa da linguagem ancestral, o que pode ser exemplificado através da ideia que passam de que a manutenção do uso da língua materna é quase de exclusiva responsabilidade dos maiores, da mesma forma, muito raramente conseguem estabelecer a relação da língua com o espaço habitado, pois não percebem ela como a forma com que as gerações anteriores nomearam o mundo por eles habitado, não vislumbram a relação direta que existe entre linguagem e representação do mundo conhecido. Segundo Domingos e Maria (2017), costumes tradicionais e heranças do passado costumam deixar suas marcas na paisagem, nas memórias e nas informações socioculturais de um povo, que são dimensionadas no espaço e no tempo socioambiental. Para Moser e Damke (2012), a identidade do sujeito se constrói a partir de sua interação na sociedade e mediada pelas práticas linguísticas, sociais e culturais. Por ser construída socialmente, é vista como transitória, passível de transformação e mudança e moldada pelas relações de poder e pela percepção dos sujeitos frente ao contexto sociocultural no qual estão inseridos. Sob este aspecto, podemos considerar que é na e pela linguagem que as identidades são construídas e reveladas, pois “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2014, p. 261), assim, além de ser um meio de interação ela nos constitui como sujeitos sociais. Na sequência veremos as análises do quadro nº 05, construídas a partir de percepções dos participantes sobre a presença do eurocentrismo no ensino e aprendizado da Geografia.

QUADRO 05: EUROCENTRISMO/GEOGRAFIA/APRENDIZADO

CATEGORIAS PRINCIPAIS - CP	CATEGORIAS ESPECÍFICAS – CE
CP 5 - Na sua visão existe a presença de um eurocentrismo no ensino e aprendizado da Geografia? Qual seria a	5.1. Tem uma influência cultural maior dentro da Universidade, onde são apresentados danças, artesanatos e pesquisas feitos pelos próprios alunos indígenas.

<p>melhor forma para materializar e dar visibilidade as narrativas históricas e sociais nos estudos tradicionais destas questões nos dias atuais?</p>	<p>5.2. Existe, mais pouco no aprendizado de Geografia, apenas presenciado nos projetos que as escolas desenvolvem. A melhor forma é envolver a comunidade para ser participativa e buscar valorizar os anciãos que existem e que fazem as narrativas de histórias e sociais.</p> <p>5.3 Sim, uma importante forma é levar o aluno a conhecer a sentir, não apenas ficar preso no livro, uma importante forma é a aula de campo, onde os alunos conseguem adquirir conhecimentos mais aprofundados nos dias atuais,</p> <p>5.4 Sim, seria uma aprendizagem cada vez mais prática no dia a dia;</p> <p>5.5 Estudando a Geografia do passado e de hoje atuais;</p> <p>5.6. Sim estudar mais sobre culturas indígenas e tribos porque existem várias tribos no Brasil e quase ninguém sabe quantas e quais são e por isso deveria ser mais estudadas e sair um pouco do eurocentrismo;</p> <p>5.7. Então poderíamos dar prioridade ao espaço geográfico em que vivemos, buscando melhorias, nas regiões onde se preserva o meio ambiente, cultura, valorizar cada vez mais as potencialidades de cada região, onde se encontra uma determinada comunidade, assim a cada ano que passa buscando meios que melhoram a vida de uma maneira geral até na política, hoje estamos cada vez mais inseridos, participando cada vez mais, isso tudo está inserido nos dias atuais cada vez mais;</p> <p>5.8. Existe se levarmos em conta algumas especificidades em introduzir uma visão como por exemplo a educação, a educação ocidental não leva muitas das vezes uma certa visão específica como a questão do espaço geográfico, não há uma influência como na agricultura uma visão eurocêntrica a agricultura, por exemplo, serve para aumentar a renda já na questão indígena é uma forma de sustentabilidade, uma agricultura mais para a sobrevivência de nossos</p>
---	---

	<p>familiares do que uma sustentação financeira;</p> <p>5.9. Na geografia deveria ser mais lembrada a cultura indígena;</p> <p>5.10 Precisa de mais professores capacitados na área da nossa linguística materna. Para ter estudos tradicionais, identidade cultural de dança, demonstração de artesanatos e pintura indígena.</p> <p>5.11. Não</p> <p>5.12. Trazer e mostrar a realidade das culturas como todos os aspectos.</p>
--	--

No questionamento número cinco, quando perguntados acerca das práticas e visões adotadas no ensino da Geografia e, assim formulado: - Na sua visão existe a presença de um eurocentrismo no ensino e aprendizado da Geografia? Qual seria a melhor forma para materializar e dar visibilidade as narrativas históricas e sociais nos estudos tradicionais destas questões nos dias atuais? Nesta questão existe consenso de que existe a necessidade de incorporar os elementos próprios da cultura Terena para uma real inserção no mundo acadêmico, pois percebe-se que a prática educativa desdenha o conhecimento das comunidades ancestrais e privilegia as práticas da Educação ocidentalizada. Destacam a importância de o aluno conhecer fisicamente o espaço a ser estudado através da observação em loco e não somente nos livros ou textos de estudos.

Todo esse processo é o resultado do acúmulo de aprendizagem de diferentes saberes, a relação socioambiental está para o Terena, assim como o Terena está relacionado com o ambiente, numa relação insolúvel de espaço-temporal, dinâmico e fecundo a natureza (LOIOLA, 2011) apud (DOMINGO E MARIA ,2017). Mais uma vez resgata-se a importância, no que diz relação ao aproveitamento dos recursos naturais, de uma exploração mais racional cultivando por exemplo, da forma em que os povos ancestrais sempre fizeram privilegiando o cuidado, evitando a depredação que a exploração feita à maneira ocidental historicamente fez. Para Domingo e Maria (2017), é evidente que, ao interagir com o meio ou “mundo”, a espécie humana o transforma e que essa transformação se dá de diferentes formas porque isso também depende da cultura e percepções de cada grupo, sendo assim muito subjetivo. Dessa forma, o ser humano dominou a natureza subjugando-a segundo suas ambições. O domínio da natureza se deu ao longo de sua vida na Terra, por meio de suas percepções, observações e experimentos. Passamos agora, no quadro de nº 06, a analisar as

percepções dos participantes referente aos aspectos de sua identidade cultural e quais destes aspectos são visualizados como os mais presentes dentro da identidade cultural regional.

QUADRO 06: IDENTIDADE CULTURAL/ IDENTIDADE REGIONAL

CATEGORIAS PRINCIPAIS - CP	CATEGORIAS ESPECÍFICAS – CE
<p>CP 6- Quais são os aspectos de sua identidade cultural que são visualizados como os mais presentes dentro da identidade cultural regional?</p>	<p>6.1 Cultura: Dança, comida, língua e o conhecimento da história. São coisas que também não interfere na relação e convívio com o índio.</p> <p>6.2 A minha identidade cultural, podem ser visualizadas através da língua, dança, pintura, artesanatos e o modo de ser Terena.</p> <p>6.3 A língua, os trajes, a maneira como o Terena vive, a economia, a forma como vivemos nossa cultura. O aspecto cultural que mais predomina são as pinturas corporais e a confecção de artesanatos;</p> <p>6.4 O que são visualizados e praticados durante todos esses tempos é a nossa língua materna;</p> <p>6.5. Um povo de uma personalidade forte, sempre buscando sua melhoria lá fora e dentro de sua região e nunca deixando a sua identidade;</p> <p>6.6 São comidas típicas, danças e artesanatos, são elas que são mais visualizadas;</p> <p>6.7. Podemos ver através da dança, comida típica, ato de ser com a terra, sempre estra dentro da comunidade buscando estar dentro da comunidade buscando isso em cada região que nós estiver;</p> <p>6.8. As mais fortes são na minha visão, a agricultura e traços corporais (pinturas), artesanato que a família compactua de uma forma mais especifica de uma determinada região onde a influência é forte e que é notado por exemplo como por turistas;</p> <p>6.9 A questão dos aspectos culturais, a vivência da cultura e as atividades desenvolvidas, a interação na comunidade acadêmica está cada vez mais participativa.</p> <p>6.10 A nossa cultura é somente desenvolvida no mês em que se comemora o Dia do Índio. Ao meu ver deveria ser mais desenvolvida com a base da Universidade Federal.</p>

	6.11 A linguagem indígena; 6.12 A dança, as pinturas, a língua, todos os aspectos, assim como tudo que envolve a cultura Terena.
--	---

No relacionado ao questionamento número seis, que busca indagar qual é o papel que a cultura Terena tem na construção da identidade regional, e que foi formulada da seguinte forma: Quais são os aspectos de sua identidade cultural que são visualizados como os mais presentes dentro da identidade cultural regional? Observa-se, ao teor das respostas, que existe uma profunda percepção de arraigo da comunidade Terena com a região por eles habitada, a qual é possível perceber em inúmeras influências que vão desde as questões mais básicas dos elementos culturais, alimentação, formas de vida e de representação artística, até as de ordem mais rituais, como comemorações próprias da cultura, danças, indumentária própria, etc. O que pode ser interpretado com a ideia que sentem-se completamente inseridos e reconhecidos no espaço social externo a eles, em contrapartida frisam que, no espaço educativo, a sua visibilidade é mais efêmera e fica circunscrita às datas comemorativas.

Podemos citar como exemplo, a dança do Bate-pau, que segundo Moura e Accolini (2015) é uma manifestação ritualística vinculada à guerra do Paraguai, pois é considerada a dança que legitima o grande guerreiro. Atualmente, essa dança é apresentada durante as festividades do Dia do Índio, comemorado no dia 19 de abril, em praticamente todas as aldeias terena espalhadas pelo Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo. Acompanhados pelos músicos e seus instrumentos (um pequeno tambor e uma flauta), os homens dividem-se em dois grupos, marcados por cores distintas (azul e vermelho). Para Aguiar (2015), o ato de representar e materializar o imaginário pode se dar por meio de pinturas corporais, grafismos rupestres, padrões em cestarias, e também por meio de uma cenografia dos mitos, convertendo-os em verdadeiras peças teatrais. É a identidade que se constrói e se mantém viva através da cultura de um povo.

Figura 03: Dança do Bate-pau- Cultura Terena



Fonte: CPAQ/2020

QUADRO 07: CATEGORIAS DE ANÁLISE

QUESTÕES	CATEGORIAS DE ANÁLISE
1.Caracterização do espaço/interferência	Paisagem/ interferência na construção da identidade
2.Espaço/identidade cultural	Evolução/Tecnologia/alterações
3.Espaço	Lugar onde moramos/Terra/Origem/Preservação
4.Relação identidade/linguagem	Conhecimento/Construção/Cultura
5.Eurocentrismo no ensino/aprendizado de Geografia	Presença forte/ Mais valorização da cultura indígena
6. Identidade Terena	Dança/Pintura/Linguagem

O discurso coletivo dos sujeitos que participaram da pesquisa mostrou sentimentos de pertencimento e reconhecimento a uma cultura, um lugar, um espaço. A pesquisa resultou em interessantes discursos e/ou posicionamentos acerca da paisagem e de como essa paisagem pode de fato interferir na constituição da identidade do sujeito, até por que a utilização da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), permite o processamento das respostas dos participantes na pesquisa de tal forma que culmina na produção dos discursos e, segundo (Figueiredo; Chiari; Goulart,2013), considera uma postura rigorosamente descritiva, a análise detalhada, a seleção do conteúdo relevante de cada resposta, a busca e a nomeação das ideias centrais e ancoragens presentes no conteúdo das respostas. O discurso coletivo é reconstituído como podemos ver no quadro acima, a partir da opinião de um conjunto de discursos.

5. ANÁLISE DE INFORMAÇÃO

5.1 A IDENTIDADE CULTURAL COMO REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO CONHECIDO

A base da experiência humana encontra-se firmemente cimentada na dimensão social do homem, dita qualidade pressupõe uma premissa fundamental; o ser humano precisa da inter-relação constante dele com todos aqueles e tudo aquilo que lhe rodeia. É esse exercício dialético constante, com o outro e com o espaço conhecido pelo qual circula, um dos fatores que vão contribuir para a formação de sua identidade, pessoal e cultural, pois embora já, Descartes (1999) atribuía ao ser humano uma condição imutável, ao igual que ao mundo, contida na sua essência, existe uma parte dele que modifica pela via da experiência e da

vivência. Quanto aos processos que tendem a trazer uma essência para as identidades, Silva (2011) aponta os argumentos de base biológica, principalmente quando se refere a identidade de gênero; os essencialismos culturais, como a imposição de uma língua nacional, única e comum, construção de símbolos nacionais (hinos, bandeiras, brasões) e apelo a mitos fundadores, na construção de identidades nacionais.

Os movimentos que tendem a subverter as identidades estão ligados à teoria cultural contemporânea. Nessa, o hibridismo é analisado com relação ao processo de produção de identidades, raciais, étnicas e nacionais. Silva ainda destaca que:

O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades; as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea esses movimentos podem ser literais [...] ou podem ser simplesmente metafóricos. “Cruzar fronteiras”, por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades (SILVA, 2011, p. 87-88).

Essa análise Silva também é partilhada por Rizzi (2004) quando enfatiza que a atual fase da globalização se caracteriza pelo aumento dos fluxos culturais, o que tem contribuído para a reconfiguração de identidades. Para o autor, a crescente influência das tecnologias de informação e comunicação e a circularidade de ideias, imagens e sujeitos têm propiciado o surgimento das novas formações culturais.

5.2 A LINGUAGEM, SUA RELAÇÃO COM O MUNDO E A CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DE UMA CULTURA

A importância da linguagem se dá na preservação de elementos culturais, é através dela que a cultura se perpetua e garante a identidade de um povo. É através da linguagem que ocorre a transmissão das nossas tradições orais e escritas.

A linguagem é bem mais do que um instrumento, pois materializa, torna real uma cultura, apesar de existir uma grande diversidade linguística, faz-se necessário, documentar, conhecer e preservar as diferentes formas de comunicação dos povos tradicionais. Segundo Costa (2015), a visão pragmática sobre a linguagem e o significado diz respeito a um modo de compreender aspectos da fala e da comunicação sem levar em consideração elementos que permitam uma definição universal dos fenômenos. Ao afirmar que a identidade é construída socialmente e apresenta-se de forma instável por meio da linguagem, reiteramos que a linguagem não se presta a pura descrição da identidade, mas a sua construção (Moser e Damke, 2012). Segundo Bakhtin, (2014), os estudos sobre conhecimento científico, a

literatura, a religião, a moral, entre outros, está estreitamente ligada a problemas da filosofia da linguagem.

Quando nos referimos ao fato de que a linguagem está estreitamente ligada a construção e preservação de uma cultura, podemos nos valer do que nos apresenta Silva (2011, p. 93)

[...] ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um 'fato' do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos descrevendo

Para Chomsky (2005), a faculdade humana da linguagem parece ser uma verdadeira propriedade da espécie. E como o autor enfatiza, varia muito pouco entre os seres humanos. Quando nos reportamos a questão da identidade, temos que ter presente que identidade é em sua maioria o resultado de afiliações a crenças particulares e possibilidades que estão disponíveis aos indivíduos nos contextos sociais. Essa abordagem aponta para o fato de que para participar das atividades de uma comunidade, é preciso tomar parte de seus valores e práticas.

No Estado de Mato Grosso do Sul, existe, segundo os autores denominam, uma diversidade linguística.

Quando nos remetemos ao tema diversidade linguística, estamos considerando a existência de um conjunto de línguas distintas entre si em um limite territorial. A diversidade linguística pode ser explicada basicamente por dois processos. O primeiro deles é o migratório, no qual indivíduos de uma determinada comunidade migram para uma nova região por motivos de ordem política, econômica e social, levando consigo a sua cultura e, conseqüentemente, a sua língua (RODRIGUES,2000) apud (CHAMORRO E MARTINS,2015, p.729)

A esse respeito, temos conhecimento, que as ondas migratórias, já aconteciam mesmo antes da chegada dos europeus nas terras brasileiras, e que tal movimento foi responsável por elevar o número de línguas de um determinado espaço geográfico. Outra explicação para a diversidade linguística está amparada no pressuposto de que as línguas mudam com o passar do tempo, e que muitas dessas mudanças não são compartilhadas por todos os membros do grupo. Sendo assim, em ocorrendo cisões em uma comunidade, as inovações linguísticas não passam a ser de conhecimento e uso coletivo, interferindo assim na preservação de uma cultura.

Precisamos ficar atentos para o que nos alerta Chamorro e Martins (2015) sobre as iniciativas para desencadear mudanças que favoreçam a permanência e a ampliação de uso de línguas indígenas em Mato Grosso do Sul, bem como a valorização dos aspectos culturais dos

povos que o habitam. Urge preservar a cultura e a identidade dos povos através da preservação de sua linguagem e do estabelecimento de sua relação com o mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor a elaboração desta pesquisa, muitas dúvidas perpassaram, uma vez que se tratava de examinar as especificidades da gênese e constituição da Cultura Terena inserida em um contexto cultural e processo histórico-social, observando-a como evidência histórico-geográfica objetivamente determinada. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o que envolveu as leituras e o conhecer autores que se debruçaram sobre toda a história da gênese da constituição dessa importante cultura, foi possível perceber a riqueza de aprendizagens que a busca por alcançar este objetivo proporcionou. A história do povo Terena tem sido de mudanças e de luta, “o trabalho e as relações com a terra e seus produtos, as construções das casas, as vestimentas, os alimentos e muitos outros hábitos do cotidiano têm mudado.” (Bittencourt e Ladeira, 2000, p.105). O que não significa que outras características de vida não tenham sido mantidas e permaneçam até os dias de hoje, comprovando a resistência dos Terena em manter sua identidade como povo.

Quando nos reportamos ao segundo objetivo proposto nesta pesquisa, que foi o de promover o diálogo na Geografia acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, acredita-se que utilizando a definição de Sorre, de geografia, fica ainda mais visível a percepção de como esse objetivo foi atingido pois para Sorre (2003, p.103), “Geografia, no sentido etimológico, significa descrição da Terra. E, com um consenso geral, da Terra, com tudo o que contém e do que é inseparável, de tudo o que vive na superfície e a alma, da humanidade que a transforma e enriquece com traços novos.” Sem dúvida a paisagem de Aquidauana guarda sua individualidade, mas é também claramente perceptível a inserção da cultura Terena na mesma.

Reitera-se aqui o que já foi explanado anteriormente com o intuito de corroborar com o resultado desse objetivo na pesquisa proposta. Quando sugerido que tentar-se-ia: Promover o diálogo na Geografia acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS o objetivo estava focalizado na necessidade de um olhar mais baseado nos aspectos humanos da Geografia do que em uma relação aos fenômenos físicos que a mesma se ocupa.

Se considerarmos que a cidade é um espaço de representações, pois ela é totalidade e também particularidades, cidade é espaços públicos, é instituição representativa do mercado, é instituições representativas do serviço público, temos que, por exemplo; no caso das instituições públicas do Ensino existe sim esse diálogo Geográfico, pois existe a interação permanente dos representantes da cultura Terena com o espaço físico dessas representações da cidade, ou seja, há sim uma relação dialética permanente entre estes dois interlocutores, o indivíduo Terena e o representante espacial simbólico da cidade de Aquidauana, no caso em questão, a instituição de Ensino Superior inserida nela, a UFMS. Aqui traremos Serpa (2008, p.19), para uma reflexão, “na gama das abordagens culturais que os geógrafos exploram, o estudo das representações aparece como a avenida mais tranquila, a que permite a integração das novidades sem ruptura com alguns hábitos há muito usados pela disciplina [...].”

E quanto a analisar qual a relação existente, para a cultura Terena, entre os aspectos constitutivos de sua identidade cultural com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida. Ficou claro que conhecer e refletir, através dos discursos dos participantes da pesquisa sobre as diferentes manifestações culturais da vida cotidiana é importante para o estudo da história do povo Terena. Essa história por muitos autores destacada como marcada por permanentes mudanças. Como Bittencourt e Ladeira (2000) enfatizaram a língua, festas, relações familiares e políticas, o artesanato, entre outras manifestações da cultura, são exemplos da manutenção das características dos Terenas, este resultado ficou evidenciado no resultado da pesquisa realizada, o que reforçou claramente, o que nos fala Vargas (2003) que não existe uma cultura que seja estática; assim, essa pureza cultural cedeu lugar a uma série de transformações culturais.

Evidencia-se a importância das contribuições dos estudos realizados para a Geografia, foi necessário um repensar de muitas visões arraigadas em concepções que não deixavam vislumbrar o que de fato compõe os reais conceitos de território, territorialização, espaço, cultura, identidade e sua intensa ligação com a cultura de um povo que nos últimos séculos mantem-se em luta pela garantia e manutenção de seus direitos.

7. REFERÊNCIAS

- ACÇOLINI, Grazielle. **Protestantismo à moda Terena**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2004.
- ABRÃO, Siqueira Bernardette. **História da Filosofia**. Editora Nova Cultural. São Paulo, 1999.
- ARAÚJO, Fábio Rodrigo Fernandes. CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **Por um olhar geográfico sobre a identidade cultural: breves propostas conceituais através das dimensões espaciais do lugar, paisagem e território**. Artigo apresentado no XI Encontro Nacional da ANPEGE. ISSN 2175-8875. A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação. De 9 a 12 de outubro de 2015.
- AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas De. **A Arte rupestre em Mato Grosso do Sul**. Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Hucitec Editora. São Paulo, 2014.
- CASTRO, Iara Quelho de. **Os Terena nas memórias e história de Aquidauana**. periodicos.ufms.br. Revista de História. Vol. 6, nº 12. Jul-dez, 2014.
- CASTRO, Renan Fernando de. ALVES, Flamarion Dutra. **Élisée Reclus: a geografia política a serviço dos explorados**. Revista Geonorte, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.69-80, 2013. (ISSN – 2237-1419) III Simpósio Nacional de Geografia Política.
- CHAMORRO, Graciela. MARTINS, Andérbio Márcio Silva. **Diversidade linguística em Mato Grosso do Sul**. Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Editora UNESP, São Paulo, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias;
- COSTA, Max William Alexandre. **Uma Introdução a Filosofia da Linguagem**. Editora Intersaberes. Curitiba, 2015.
- DOMINGOS, Sandra Ventura. MARIA, Elisangela Castedo. **Análise do comportamento socioambiental terena por meio de marcadores espaço-temporais: uma contribuição para a conservação da cultura**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 59-73, jan./mar. 2017.

FIGUEIREDO, Marília Z. A. CHIARI, Brasília M. GOULART, Bárbara N. G. de. **Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa.** *Distúrb Comun*, São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013

FREUD, Sigmund. **Compêndio de Psicanálise.** L&M, Porto Alegre, 2016.

GOMES, Paulo Cesar; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GIL, Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** Editora Atlas. São Paulo, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Editora Vozes, São Paulo, 2001.

JUNIOR, Avelar Araújo Santos. **Cosmovisão e religiosidade andina: uma dinâmica histórica de encontros, desencontros e reencontros.** Disponível em: <http://www.abracocultural.com.br/pachamama/> Acesso 07 em dezembro de 2019.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

LLANOS-HERNÁNDEZ, Luis. **El concepto del territorio y la investigación en las ciencias sociales.** *Agricultura, sociedad y desarrollo*, septiembre - Universidad Autónoma Chapingo. Chapingo Estado de México, Volumen 7, número 3 Diciembre, 2010.

LEFEVRE, Fernando. LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e Intervenções comunicativas.** *Texto Contexto Enferm.* Florianópolis, 2014 Abr-Jun; 23(2): 502-7.

LEFEVRE F, LEFEVRE AMC e MARQUES MCC. **Discurso do Sujeito Coletivo, complexidade e auto-organização.** *Ciências e Saúde coletiva.* 2009; 14(4):1193-1204.

_____. **O sujeito coletivo que fala.** *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.10, n.20, p.517-24, jul/dez 2006

MARTINS, Andérbio Márcio Silva. CHAMORRO, Graciela. **Diversidade linguística em Mato Grosso do Sul.** Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MATURANA, Humberto. VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento. As bases biológicas da compreensão humana.** Palas Athena. São Paulo, 2010.

MOSER, Fabiana. DAMKE, Ciro. **A construção da identidade na e pela linguagem.** *Revista Travessias.* ISSN 1982-5935. Vol. 6 N° 2 – 2012 .15ª edição

MOURA, Noêmia. ACCOLINI, Grazielle. **Os Terena em Mato Grosso do Sul.** Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

_____. **O processo de terenização do cristianismo na Terra Indígena Taunay/Ipegue no século XX.** Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

NICOLAU, Karine Wlasenko. ESCALDA, Patrícia Maria Fonseca. FURLAN, Paula Giovana. **Método do Discurso do Sujeito Coletivo e Usabilidade dos Softwares Qualiquantisoft e DSCsoft na Pesquisa Quali quantitativa em Saúde.** Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science • <http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/> v.4, n.3, jul.-dez. 2015 • p. 87-101. • ISSN 2238-886987. Acesso em abril de 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas.** Seleção de Textos de Gérard Lebrun. Editora Nova Cultural. São Paulo, 1999.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica.** Dourados: Editora da UFGD, 2009.

PIRES, Frederico Pieper. **O ser como o absoluto Heidegger e a Fenomenologia do espírito.** Estudos de Religião, v. 23, n. 36, 179-200, jan./jun. 2009

PRESTES, M. L. M. **A Pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: do planejamento aos textos, da escola a academia.** São Paulo, Editora Respel, 2008.

POPPER, Karl. **Textos escolhidos.** Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC/RJ, 2010.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil. Para onde!?, 8 (2): 154-161, ago. / dez. 2014

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo, Ática, 1993.

RIZZI, Fazal. (2004). **A educação internacional e produção da imaginação.** global. In: BURBULES, N.C. & TORRES, C.A. (Orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed, p.139-152.

SANTOS, Milton. **Cadernos de Geografia 3 - Ser protagonista.** São Paulo: Edições SM., 1978.

_____. **O retorno do território.** SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, María Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, María Laura. **Território: globalização e fragmentação.** São Paulo. Hucitec. 4ª Edição, 1998.

_____. **O retorno do território.** En: OSAL: Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponible en:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006

_____. BECKER, Bertha.(Orgs). **Território, Territórios. Ensaio sobre o ordenamento territorial** - 3ª ed. Editora Lamparina, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

_____. **Técnica, espaço, tempo**. Editora EDUSP, São Bernardo do Campo. São Paulo, 2013.

SERPA, Ângelo. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade. Um Introdução às teorias do Currículo**. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2011.

SORRE, Max. **A Geografia Humana**. GEOgraphia. Ano V, nº 10, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio – espacial**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2013.

TURUMO, Isac Pereira Dias Hopu'otx. **Testemunho terena de luta pela terra**. Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A dimensão Sociopolítica do território para os Terena: as Aldeias no século XX e XXI**; Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2011.

VASCONCELOS, Simão de. **A questão indígena na província de Mato Grosso: conflito, trama e continuidade**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.

VELARDE, Jaime Calderón López (Coord). **Teoría y desarrollo de la investigación comparada**. Plaza e Valdez, México, 2000.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. VIEIRA, Eurípedes Falcão. KNOPP, Glauco da Costa. **Espaço global: território, cultura e identidade**. RAD Vol.12, n.2, Mai/Jun/Jul/Ago 2010, p.01-19.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<http://www.heideggeriana.com.ar> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

MITO TUPI GUARANI DE CRIAÇÃO DO MUNDO. Disponível em: <http://www.escolagranada.com.br/mito-de-criao-tupi-guarani/> Acesso em 15 de janeiro de 2018.

Ehttp://www.aquidauana.ms.gov.br? p=cidadedición digital de: http://www.philosophia.cl .
Dominio públizo e tradução do autor

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/panorama>

<https://www.correiodoestado.com.br/>

<http://www.midiamax.com.br/cotidiano/populacao-indigena-cresce-42-ms-periodo-10-anos-306047>

<https://cpaq.ufms.br/category/cpaq/>

<https://cpaq.ufms.br/3a-noite-cultural-dos-povos-indigenas-teve-danca-artesanato-e-muito-mais>

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – RCLE

REGISTRO DO CONSENTIMENTO E DO ASSENTIMENTO

Conforme Resolução CNS nº 510, de 2016.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E ONTOLÓGICOS DA RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM O ESPAÇO GEOGRÁFICO ONDE ESTÁ INSERIDO: A QUESTÃO DA RECIPROCIDADE. Tem como pesquisador responsável: David Arenas Carmona, mestrando em Geografia. Possui os seguintes objetivos: A. Examinar as especificidades da gênese e constituição da Cultura Terena inserida em um caldo cultural e processo histórico-social, observando-a como evidência histórico-geográfica objetivamente determinada; B. Promover o diálogo interdisciplinar entre Geografia, Antropologia e Linguística acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS; C. Analisar a dinâmica societária e situações histórico-sociais concretas que possibilitem a reflexão sobre o processo de gênese e constituição da Cultura Terena e as relações com outras culturas, principalmente no que diz respeito à questão linguística. Este Termo será assinado pelo participante e pelo pesquisador em duas vias e você ficará com uma delas.

Os riscos são: Possível constrangimento com a natureza das perguntas e/ou alteração na rotina diária dos participantes da pesquisa.

O benefício: Reconhecimento da influência do participante da pesquisa na identidade regional.

Após ser informado sobre a pesquisa você poderá:

- Recusar-se a participar, ou mesmo sair da pesquisa, a qualquer momento sem prejuízo, sanções ou constrangimento; ter sua privacidade respeitada; ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, quando houver, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).; ter ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa (deslocamento, quando houver) no valor da passagem de ônibus da sua localidade até a universidade; aos participantes da pesquisa, será ofertado o apoio psicológico fornecido pela Secretaria de Apoio ao Estudante (SECAE) prestado no Campus, para acompanhamento e assistência, caso seja necessário; Após a finalização da pesquisa, os resultados serão apresentados e disponibilizados aos participantes da pesquisa em uma reunião futuramente agendada. O pesquisador esclarece que caso o participante concorde em participar do estudo, precisará responder um questionário e / ou entrevista.

O pesquisador compromete-se a:

1. Preservar o sigilo de todas as informações disponibilizadas, como não revelar o nome do participante ao utilizar os dados do questionário;
2. Fazer uso das informações obtidas na pesquisa em apresentação e/ou publicações;
3. Não divulgar ou ceder a terceiros a informação colhida no material coletado;
4. Declaro que os resultados serão utilizados em outras pesquisas;
5. Não explorar, reproduzir ou usar as informações para qualquer propósito que não seja o específico nos itens anteriores.

O participante está ciente de que qualquer dúvida e/ou reclamação poderá falar com os pesquisadores pelo telefone (65) 99632-0670/67 99608-8513 E-mail: dav.are.car@gmail.com/eva.teixeira@ufms.br. Rua Oscar Trindade de Barros, 740, Aquidauana/MS. Escalarem-se que o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul foi criado no âmbito desta Instituição pela Instrução de Serviço 005, de 18 de fevereiro 1997, e reconhecido pela Reitoria através da Portaria 781, de 3 de dezembro de 1988, estando credenciado para exercer suas finalidades junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde desde o dia 18 de março de 1997. O CEP é um órgão consultivo, educativo e fiscalizador. Para dúvidas ou denúncia entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa

da UFMS pelo telefone **(67) 33457187**. E-mail: **cepconep.propp@ufms.br**. A **CONEP** está diretamente ligada ao CNS sendo independente de influências corporativas e institucionais. Uma das suas características é a composição multi e transdisciplinar, contando com representantes de diferentes áreas. Sua atribuição principal é a avaliação dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil. Como missão, a comissão elabora e atualiza as diretrizes e normas para a proteção dos sujeitos de pesquisa e coordena a rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) das instituições. Portanto, cabe à Conep avaliar e acompanhar os protocolos de pesquisa em áreas temáticas especiais como genética e reprodução humana, novos equipamentos, dispositivos para a saúde, novos procedimentos, população indígena, projetos ligados à biossegurança, dentre outros. Para dúvidas ou denúncia entrar em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitar ao atendente suporte Plataforma Brasil. Atendimento Telefônico de 08h às 20h, horário de Brasília de segunda a sexta.

Assinatura do (a) participante.

Assinatura do (Pesquisador)

Cidade _____, Estado _____ em ____/____/____

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO

Este questionário é composto por seis (6) questões abertas que buscarão responder os objetivos que compõe este Projeto de Pesquisa.

- 1) Como você caracteriza o espaço onde está inserido ou espaço que ocupa? E que relação percebe desse espaço no desenvolvimento de sua cultura?
- 2) Existem peculiaridades e/ou especificidades desse espaço que você percebe que dê alguma forma exerceram ou exercem influência na construção de sua identidade?
- 3) A palavra espaço geográfico, ou simplesmente espaço, aparece, por vezes, associada a uma porção específica da superfície da Terra. E tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo em seu interior. Na cultura Terena, a palavra, espaço, está associada a quais escalas?
- 4) É através da linguagem que são construídas as narrativas históricas e sociais de um povo com o espaço em que habita. Explique como se dá essa construção linguística envolvendo a flora, fauna, relevos, rios, fenômenos climáticos do lugar, nos dias atuais? E que relações são tecidas com essa construção linguística e os contornos de uma identidade, tanto individual como coletiva?
- 5) Na sua visão existe a presença de um eurocentrismo no ensino e aprendizado da Geografia? Qual seria a melhor forma para materializar e dar visibilidade as narrativas históricas e sociais nos estudos tradicionais destas questões nos dias atuais?
- 6) Quais são os aspectos de sua identidade cultural que são visualizados como os mais presentes dentro da identidade cultural regional?

ANEXOS

ANEXO 1
PARECER DA COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



1 DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E ONTOLÓGICOS DA RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM O ESPAÇO GEOGRÁFICO ONDE ESTÁ INSERIDO: A QUESTÃO DA RECIPROCIDADE.

Pesquisador: David Arenas Carmona

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

VERSÃO: 3

CAAE: 07617518.0.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.474.915

APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram obtidas do arquivo contendo as Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1267678.pdf de 03/07/2019) e do Projeto Detalhado.

INTRODUÇÃO

Existe no pensamento ocidental um ponto de inflexão no concernente as perguntas que dizem relação com o sentido da existência, esta inflexão pode se explicar a partir do advento da Psicologia com Jung e Freud, e com a interferência desta nova ciência na filosofia, principalmente na obra de Nietzsche e, posteriormente com alguma influência deste, na obra do pensador que mudou a concepção do lugar do homem no mundo até então, primeira metade do século XX, Martin Heidegger principalmente com sua obra *Ser e Tempo*. Cabe-lhes a estes autores germânicos o fato inegável de ter mudado o foco nas questões e indagações feitas pelas ciências sociais, principalmente, pois ao centrar suas pesquisas no ser humano como indivíduo, isolaram este do social, transformando-o na sua, especificidade, e mudando os paradigmas até antes deles existentes, mudança que alcançaria seu ponto mais alto no existencialismo francês da segunda metade do mesmo século. Diferente da cultura ocidental, da qual nossos países são herdeiros, existem nas etnias originárias de nosso povo concepções de mundo e construtos históricos costumeiramente sublimados, contudo, no estado de Mato Grosso do Sul aprecia-se uma relação harmônica entre os diferentes atores sociais, independentemente de sua origem, isto posto pela altíssima população oriunda das diferentes etnias que se assentaram no estado. Esta particular forma de inserção é reforçada, em grande medida, pela ação social da Educação. No nível superior, é possível constatar uma alta participação de alunos oriundos das aldeias indígenas presentes, no caso particular, no CPAQ, Campus do município de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A identidade cultural sem dúvida está relacionada com a fusão do espaço com o ser humano, existe uma interferência de mão dupla entre ambos e, sob este predicado, muitos dos aspectos que identificam a paisagem sul-mato-grossense, encontram-se alinhadas com alguns dos traços que possuem seus habitantes. Segundo os ensinamentos de Candau e Russo (2011), nas décadas de 80 e 90, onze países latino-americanos reconheceram em suas constituições o caráter multiétnico, pluricultural e multilíngue de suas sociedades. Esta questão fez com que as políticas públicas na área educativa tivessem que contemplar as diferenças culturais existentes. Sendo o Estado de Mato Grosso do Sul um estado relativamente novo em termos de reconhecimento e história, a data

de separação do estado de Mato Grosso, o qual pertencia anteriormente, se deu recém em outubro de 1977. Possui por sua vez uma riquíssima identidade cultural fortemente associada à paisagem pantaneira, a qual foi nomeada e representada em uma proporção enorme pela língua das etnias indígenas, maioritariamente a Terena, no que diz relação a sua flora e fauna nativa, assim como muitas das localidades, relevos, etc. Conforme Leite (2009), a paisagem de um lugar pode significar a expressão dos desejos coletivos na organização dos lugares daquele território ou como um registro, de eventuais protestos sobre as transformações impostas a estes lugares, o que felizmente no caso do Estado de Mato Grosso Do Sul não aconteceu, pois no processo de miscigenação decorrente dos processos e fluxos migratórios que constituíram a região, foram respeitadas e reconhecidas as influências culturais originais.

HIPÓTESE

1. A criação recente do Estado de Mato Grosso do Sul, possibilitou uma construção bem mais harmônica, culturalmente falando de todos os grupos sociais e étnicos que foram se inserindo no seu espaço geográfico.

2. A descrição da paisagem sul-mato-grossense corresponde, em grande porcentagem as línguas que originariamente se estabeleceram nos seus limites.

METODOLOGIA

Um método conforme Galliano (apud PRESTES, 2008, p. 29), “é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”. Lembra esse autor que muitas vezes se confunde método com técnica, por ele conceituado como “o modo de fazer de forma mais hábil, mais segura, mais perfeita, algum tipo de atividade, arte ou ofício” (GALLIANO apud PRESTES, 2008, p. 29). Sendo assim, técnicas distintas podem ser utilizadas ao se empregar um mesmo método, embora saibamos que algumas são mais adequadas que outras. De acordo com Gil (2008), no sentido etimológico ciência significa

conhecimento, o autor nos esclarece ainda mais ao enfatizar que a ciência pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível. Já o conhecimento científico é objetivo por que descreve a realidade independente de quaisquer questões que permeiem o imaginário ou as idiossincrasias dos pesquisadores. Enfatiza-se dessa forma a importância da metodologia científica em uma pesquisa. Partindo inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, caminhar-se-á para um estudo de campo. A escolha por este procedimento técnico deu-se devido ao que destaca Gil (2008, p. 57), “no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes”. Percebe-se, então, que este procedimento se vale tanto de técnicas de observação quanto de interrogação, o que permite maior flexibilidade no planejamento da pesquisa. Quanto aos objetivos pode-se classificar esta proposta de pesquisa como sendo do tipo exploratória, as pesquisas exploratórias proporcionam maior familiaridade com o problema de pesquisa. Com o método dedutivo e de natureza aplicada a abordagem dos dados será qualitativa. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

Os sujeitos desta pesquisa serão os acadêmicos das turmas de Licenciatura e do Bacharelado dos cursos de formação em Geografia do campus CPAQ que residem nas aldeias indígenas da região, atendendo à sua origem étnica, isto por ser constatada uma alta taxa de alunos de origem indígena inseridos nos cursos que a instituição oferece. A amostra será aleatória, dividida em randômica simples, pois cada sujeito da população terá a mesma chance de ser escolhido, através de um sorteio. O instrumento de coleta de dados será um questionário com questões abertas (anexo ao projeto). Através das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa serão construídas categorias de análise que permitirão a realização de uma análise comparada sobre a relação que eles estabelecem entre sua

identidade cultural e o espaço geográfico que habitam. A análise comparada é uma investigação que simplifica o trabalho comparativo quando conduz a comparação em termos de tipos ideais e modelos de sociedade. Podemos nos reportar a professora Emília Elías de Ballesteros que em seu livro *Educación Comparada* (apud VELARDE, 2000), declara que essa metodologia não pode reduzir-se a exposição fria de dados e estatísticas. Faz-se imperioso compreender que o trabalho científico não consiste em elaborar somente proposições verificáveis sobre a relação entre variáveis que possam ser incorporadas a uma teoria, mas fundamentalmente verificar e comparar estas relações. Aqui podemos aceitar a afirmação de Popper (2010), segundo a qual somente uma descoberta negativa durante uma investigação pode servir para refutar logicamente uma proposição, que pode ser válida em alguns casos, porém, não em outros, daí a importante e necessária contribuição da análise comparada. Mas como a comparação é uma tarefa especialmente complexa, vamos mesmo que brevemente revisitar os três mundos trazidos a reflexão por Popper (2010), o que torna claro que uma só verificação pode nos trazer dados menos claros do que quando estes mesmos dados são comparados entre si. A comparação, não é um método substituto da experiência controlada, como muitos têm afirmado. Nos últimos anos, temos descoberto, graças aos estudos comparados que as relações entre estas variáveis são diferentes em outras sociedades, especialmente nas menos desenvolvidas. Desse modo, para Popper (2010) o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles, isso facilita o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo.

DESFECHO PRIMÁRIO

Nesta pesquisa são incluídas algumas hipóteses nascidas ao amparo da observação e leitura e abstração da realidade que se espera comprovar no decorrer da pesquisa decorrente de sua aplicação. Sem pretensões descabidas, e mantendo o foco na Geografia, espera-se articular esta ciência com algumas outras ciências que podem subsidiar seu melhor entendimento, pois acredita-se que a ideia de Disciplinas ou Áreas do Conhecimento fechadas nas palavras de Basil Bernstein apud Silva (2011) remete a ideia de fronteiras, o que a todas

as luzes é um erro pois o conhecimento humano não pode ser patrimônio de alguns. O reconhecimento de toda cultura, assim como o dos indivíduos que a compõem, não pode ser simplesmente um lugar comum, desde essa premissa, buscar-se-á dar visibilidade às narrativas criadas pelo acúmulo de experiências e do convívio com o espaço particular em que habitam os representantes da Etnia Terena para, de alguma forma, estabelecer as similitudes que devem existir, e as diferenças que também devem existir, entre eles e as pessoas que representam uma visão mais ocidentalizada. No concernente aos avanços, a ideia é cativar, da melhor maneira possível, e na conotação certa da palavra, aos sujeitos participantes da pesquisa, de forma tal que ao se envolver no projeto possam de maneira efetiva colaborar com o mesmo em tela.

DESFECHO SECUNDÁRIO

O Estado de Mato Grosso do Sul só é superado pelos estados de Amazônia e Roraima na quantidade de população indígena que nele habita. Em abril de 2012, a publicação eletrônica correiodoestado.com.br, dava conta da existência de sete diferentes etnias no estado: Guarani, Terena, Kadiwéu, Guató, Ofayé, Kinikinawa e Atikun, sem mencionar a quantidade do total destas etnias no Estado. Porém, no mês de junho do ano 2016, outra publicação deste tipo, o site midiamax.com.br informava do aumento num 42% do total da população de origem indígena no Estado. Percebe-se que a materialização desse índice é produto das ações afirmativas realizadas para o efeito no mesmo. Dessa forma, e segundo levantamentos realizados a partir do último censo do IBGE do ano de 2010, a população total alcançou os 77.000 indivíduos. O Brasil é um grande caleidoscópio cultural, nele convergem cidadãos que, vindos de todos os rincões do planeta, deram junto aos habitantes as culturas ancestrais e o espaço geográfico que eles habitavam. Essa singularidade é própria da identidade do povo brasileiro. Não obstante isso, existe a necessidade de avançar ainda mais na aplicação de políticas públicas afirmativas, principalmente das etnias originárias, isto no âmbito político, econômico e, principalmente educativo, pois é de certa forma imprescindível fazer parte da história e do acervo cultural do país, a identidade e bagagem cultural construído por essas etnias.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Serão incluídos na pesquisa todos os acadêmicos (as) das turmas de Licenciatura e do Bacharelado dos cursos de formação em Geografia do campus de Aquidauana, UFMS/CPAQ que residem nas aldeias indígenas da região, atendendo à sua origem étnica. Os referidos acadêmicos serão incluídos a partir da assinatura do TCLE.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Serão excluídos da pesquisa os acadêmicos (as) das turmas de Licenciatura e do Bacharelado dos cursos de formação em Geografia do campus de Aquidauana, UFMS/CPAQ que residem nas aldeias indígenas da região, mas não tem origem indígena, bem como os que não estiverem de acordo com o TCLE.

OBJETIVO DA PESQUISA

OBJETIVOS PRIMÁRIOS

Como bem se sabe, toda Cultura alberga sua própria visão do mundo, que da mesma forma, e porque as perguntas que povoaram o imaginário coletivo desde sempre, em todas as línguas e independente do lugar, foram, quase sempre, as mesmas. É o que se considera para a realização este Projeto, indagar no seio da Cultura Terena, qual a resposta para a questão que origina o Projeto que se apresenta: Identificar qual é, para esta cultura, a relação existente entre os aspectos constitutivos de sua própria cultura: língua, tradições, folclore, mitos, cosmogonia, vestimenta, entre outros, com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

A) Examinar as especificidades da gênese e constituição da Cultura Terena inserida em um caldo cultural e processo histórico-social, observando-a como evidência histórico-geográfica objetivamente determinada;

B) Promover o diálogo interdisciplinar entre Geografia, Antropologia e Linguística acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS;

C) Analisar a dinâmica societária e situações históricas sociais concretas que possibilitem a reflexão sobre o processo de gênese e constituição da Cultura Terena e as relações com outras culturas, principalmente no que diz respeito a questão linguística.

AVALIAÇÃO DOS RISCOS E BENEFÍCIOS:

RISCOS

Dificuldade na interpretação das perguntas, o que poderia prejudicar a análise dos dados.

BENEFÍCIOS

Reconhecimento da influência e da participação do sujeito da pesquisa na identidade regional.

COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Este projeto será orientado pela Prof.^a Dra^a Eva Teixeira dos Santos e objetiva cumprir etapa obrigatória para a conclusão de Pós-graduação - Mestrado - no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O projeto de pesquisa tem a finalidade de identificar qual é, para a Cultura Terena, a relação existente entre os aspectos constitutivos de sua própria cultura: língua, tradições, folclore, mitos, cosmogonia, vestimenta, entre outros, com o espaço geográfico em que ela se encontra inserida. Secundariamente, examinar as especificidades da gênese e constituição da Cultura Terena inserida em um caldo cultural e processo histórico-social, bem como promover o diálogo interdisciplinar entre Geografia, Antropologia e Linguística acerca do processo de inserção cultural da Etnia Terena na cidade de Aquidauana/MS.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TERMOS DE APRESENTAÇÃO OBRIGATÓRIA:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

CONCLUSÕES OU PENDÊNCIAS E LISTA DE INADEQUAÇÕES:

Análise das respostas às pendências emitidas pelo Parecer Consubstanciado nº 3.360.952, de 03/06/2019:

1. Quanto ao “PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO__1267678.pdf” (gerado no dia 28/12/2018, na Plataforma Brasil) seguem as seguintes observações:

1.1. A Resolução CNS nº 466 de 2012 substituiu o termo “sujeito de pesquisa” (previsto na Resolução CNS nº 196 de 1996) por “participante de pesquisa”. Entende-se que a terminologia adotada pela Resolução CNS nº 466 de 2012 e a Resolução CNS nº 510 de 2016 deva ser empregada em todos os documentos do protocolo de pesquisa, incluindo o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, não sendo admitido qualquer outro termo. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: O termo “sujeito de pesquisa” foi substituído por “participante de pesquisa” em todos os documentos do protocolo de pesquisa, incluindo o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2. Lê-se na página 4 de 6 “[...]Dificuldade na interpretação das perguntas, o que poderia prejudicar a análise dos dados.”. O Sistema CEP/Conep não admite pesquisas sem riscos. A Resolução CNS nº 510 de 2016, Capítulo IV, define risco da pesquisa como “a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente”. Ao subestimar os riscos envolvidos em um estudo, o pesquisador não transmite as informações necessárias para que o indivíduo tome uma decisão autônoma sobre sua participação na pesquisa. Desta forma, solicita-se que os RISCOS DA PESQUISA sejam expressos de forma clara no documento em tela, nos TCLEs e demais documentos, bem como a apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições que possam vir a causar algum dano ao participante de pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Capítulo IV;

Capítulo I, Artigo 2º, Inciso XXV).

RESPOSTA: Ressalta-se que em “Projeto Original PO, Versão3, documentos do Projeto_OUTROS_Submissão3, tem uma versão do projeto alterado em 25/03/2019, cujos riscos da pesquisa já haviam sido alterados e aprovados pelo CEP. Consta como risco: Possível constrangimento com a natureza das perguntas e/ou alteração na rotina diária dos participantes da pesquisa.

No Projeto Alterado já foi efetuada a inserção do risco acima mencionado, bem como nos TCLEs e demais documentos.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Quanto ao arquivo, “TCLE.pdf.”, submetido à Plataforma Brasil em 18/12/2018, seguem as seguintes considerações:

2.1. O Registro de Consentimento Livre e Esclarecido deve assegurar de forma clara e afirmativa a garantia de ressarcimento ao participante da pesquisa e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver (Resolução CNS nº 510 de 2016, Capítulo III, Seção II, Artigo 17, Inciso VII). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Foi incluído no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido o seguinte: ter ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa (deslocamento, quando houver) no valor vigente da passagem de ônibus da sua localidade até a universidade; aos participantes da pesquisa, será ofertado o apoio psicológico fornecido pela Secretaria de Apoio ao Estudante (SECAE) prestado no Campus, para acompanhamento e a assistência, caso seja necessário;

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.2. De forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se ainda que esta seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2 e 2 de 2. Neste sentido, recomenda-se a adequação.

RESPOSTA: Adequação efetuada.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.3. O Registro de Consentimento Livre e Esclarecido não apresentou uma breve explicação sobre o que é o CEP. Como o estudo envolveu análise ética pela Conep, o Registro de Consentimento deve apresentar breve esclarecimento sobre esta Comissão (Resolução CNS nº 510 de 2016, capítulo III, seção II, Artigo 17, inciso IX). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: O participante está ciente de que qualquer dúvida e/ou reclamação poderá falar com os pesquisadores pelo telefone (65)

99632-0670/67 99608-8513 E-mail:

dav.are.car@gmail.com/eva.teixeira@ufms.br. Rua Oscar Trindade de Barros, 740, Aquidauana/MS. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul foi criado no âmbito desta Instituição pela Instrução de Serviço 005, de 18 de fevereiro 1997, e reconhecido pela Reitoria através da Portaria 781, de 3 de dezembro de 1988, estando credenciado para exercer suas finalidades junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde desde o dia 18 de março de 1997. O CEP é um órgão consultivo, educativo e fiscalizador. Para dúvidas ou denúncia entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS pelo telefone (67) 33457187. E-mail: cepconep.propp@ufms.br.

A CONEP está diretamente ligada ao CNS sendo independente de influências corporativas e institucionais. Uma das suas características é a composição multi e transdisciplinar, contando com representantes de diferentes áreas. Sua atribuição principal é a avaliação dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil. Como missão, a comissão elabora e atualiza as diretrizes e normas para a proteção dos sujeitos de pesquisa e coordena a rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) das instituições. Portanto, cabe à Conep avaliar e acompanhar os protocolos de pesquisa em áreas temáticas especiais como genética e reprodução humana, novos equipamentos, dispositivos para a saúde, novos procedimentos, população indígena, projetos ligados à biossegurança, dentre outros. Para dúvidas ou denúncia entrar em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pelo endereço, telefone e e-mail: Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte

- Edifício PO 700, 3º andar – Bairro: Asa Norte – CEP: 70.719-049. UF: Município: DF BRASÍLIA. Telefone: (61)3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.4. Solicita-se incluir no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido a informação de que, havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

RESPOSTA: Foi incluído no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido o seguinte: ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, quando houver, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A CRITÉRIO DA CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação:

Protocolo

aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1267678.pdf	03/07/2019 03:46:42	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Brochura.pdf	03/07/2019 03:42:21	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE_sem_realce.docx	03/07/2019 03:37:32	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE_com_realce.docx	03/07/2019 03:37:18	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_Resposta.docx	03/07/2019 03:31:30	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_Alterado_sem_realce.docx	03/07/2019 03:30:02	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_Alterado_com_realce.docx	03/07/2019 03:29:33	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Outros	Autorização_PROGRAD.pdf	25/03/2019 12:04:19	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Outros	Requerimento_PROGRAD.pdf	25/03/2019 12:03:52	Eva Teixeira dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_ass.pdf	18/12/2018 11:10:48	David Arenas Carmona	Aceito

Continuação do Parecer: 3.474.915

SITUAÇÃO DO PARECER:

Aprovado

BRASILIA, 30 de julho de 2019

ASSINADO POR:

Jorge Alves de Almeida Venancio (Coordenador (a))